

***Prêmio de
Literatura Unifor
2025***

**Coletânea de Cartas
a Edson Queiroz**



Unifor

***Prêmio de
Literatura Unifor
2025***

**Coletânea de Cartas
a Edson Queiroz**



Unifor

**Fortaleza - Ceará
2026**

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

Presidência

Lenise Queiroz Rocha

Vice-Presidência

Manoela Queiroz Bacelar



UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Reitor

Randal Martins Pompeu

Vice-Reitora de Ensino de Graduação e Pós-Graduação

Katherine de Macêdo Maciel Mihaliuc

Vice-Reitor de Pesquisa

Afonso Carneiro Lima

Vice-Reitora de Extensão e Comunidade Universitária

Adriana Helena Santos Moreira da Silva

Vice-Reitor de Administração

José Maria Gondim F. Júnior

DIRETORIAS

Comunicação e Marketing

Ana Leopoldina M. Quesado

Tecnologia

Adriano Batista de Araújo Honorato

Planejamento

Marcelo Nogueira Magalhães

Centro de Ciências da Comunicação e Gestão

Danielle Batista Coimbra

Centro de Ciências Jurídicas

Juliana Maria Borges Mamede

Centro de Ciências da Saúde

Lia Maria Brasil Barroso

Centro de Ciências Tecnológicas

Jackson Sávio de V. Silva

Relações Internacionais

Gina Vidal Marcílio Pompeu

Comissão Julgadora

Aíla Maria Leite Sampaio

Sarah Diva Ipiranga

Sávio Alencar de Lima Lopes

Conselho Superior de Editoração

Juliana Maria de Sousa Pinto

Capa

Diretoria de Comunicação e Marketing Unifor

Diagramação

Antônio Franciel Muniz Feitosa

Bibliotecárias

Leonilha Lessa e Gabriela Alves Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Prêmio de Literatura Unifor: Coletânea de Cartas a Edson Queiroz /
organizadora, Universidade de Fortaleza. - Fortaleza: Unifor, 2026.

134 p. (Prêmio de Literatura Unifor).

Vários autores.

Apresentação das Profas., Adriana Helena Santos Moreira da Silva,
Aíla Maria Leite Sampaio.

ISBN 978-65-85314-28-2

1. Literatura brasileira – coletânea. I. Silva, Adriana Helena Santos
Moreira da. II. Sampaio, Aíla Maria Leite. III. Título. IV. Série.

CDU 869.0(81)-82

Elaborado por Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Sumário

Apresentação	7
Prêmio de Literatura Unifor – Cartas a Edson Queiroz	9

Cartas a Edson Queiroz

Bruno Paulino	11
Angélica Pereira Lima	15
Arthur Petrola.....	19
Caio Lucas Juvenal Barbosa	23
Carlos Eduardo Ferreira da Silva	27
Chirles Oliveira Santos	31
Daniela Garcia Mesquita.....	35
Eliane Rodrigues de Sousa Javarini	39
Felipe Pyhus Julius	43
Francisca Luciana Albuquerque Benevides	47
Gardel Dias da Assunção.....	51
Glêdson de Lima Araújo	55
Grecianny Carvalho Cordeiro	59

Isli Keyla Barros de Oliveira	63
Jean Javarini	67
José Airton Nascimento Diógenes Baquit	71
José Cavalcante Fonteles	75
Kelly Garcia	81
Ludmila Raquel Karino Tavares	85
Luiz Carlos Brasiliense Canuto	91
Marcela da Silva Lira Correia	97
Maria Ivone Araújo Dias Cristino	101
Maria Rita Vitória Soares da Silva	105
Marilene Feitosa da Silva.....	107
Maryane Hasse de Andrade Figueira	111
Neyara Furtado Lopes	115
Raul Oliveira Freire	119
Rita de Cascia Capibaribe	123
Sebastian Mircea Timbuli Júnior	127
Sebastiana Sena de Carvalho	131

Apresentação

Em homenagem ao fundador da Universidade de Fortaleza, o Chanceler Edson Queiroz, no ano do seu centenário, o Prêmio de Literatura Unifor, em edição especial, incluiu o gênero carta no certame, com o intuito de motivar escritores, e/ou pessoas de qualquer profissão, a conhecerem a sua história. A ideia de fazer um diálogo entre o passado e o presente; entre memória, reflexão e afeto, além do que se esperava, construiu pontes entre gerações.

Esta coletânea reúne a carta vencedora do Prêmio e 29 destaques. Em todos os 30 textos selecionados, os remetentes endereçam, simbolicamente, mensagens ao Chanceler, morto num acidente aéreo em 1982, contando-lhe como está o mundo hoje e apontando as mudanças trazidas pelo avanço tecnológico que ele não pôde alcançar.

As cartas transformam a palavra escrita em gesto de reconhecimento e escuta, celebrando o destinatário como um homem visionário, cuja atuação, pautada no compromisso e no trabalho, marcou o desenvolvimento econômico, social e educacional do Ceará. Revelam também como esse legado reverbera na vida cotidiana e na imaginação criativa do povo cearense, e, por ocasião do Prêmio, de cidadãos de diversos estados brasileiros.

A iniciativa de criar um concurso de cartas resgata um gênero íntimo e profundamente humano. A carta convida à pausa, ao pensamento e à construção de uma voz singular. Nesta coletânea, o gênero se reinventa sem perder sua força de proximidade. Há confidências, argumentos, poesia e histórias em cada página. O leitor é convidado a abrir envelopes simbólicos e compartilhar revelações, vivências reais e imaginárias, bem como notícias do tempo presente dadas àquele que não teve a oportunidade de vivê-lo.

As 30 cartas formam, portanto, um mosaico de estilos e sensibilidades.

Juntas, elas compõem um retrato plural do nosso tempo e reafirmam a potência da palavra escrita como encontro. Mostram a literatura como diálogo e memória viva e celebram, igualmente, o Chanceler Edson Queiroz como destinatário e inspiração.

Parabéns a todos!

Comissão Julgadora do Prêmio de Literatura Unifor

Aíla Maria Leite Sampaio

Sarah Diva Ipiranga

Sávio Alencar de Lima Lopes

Prêmio de Literatura Unifor – Cartas a Edson Queiroz

Ao longo de sua trajetória, a Universidade de Fortaleza consolidou-se como um espaço onde o conhecimento dialoga com a arte e a sensibilidade humana. Realizado desde 2006, o Prêmio de Literatura Unifor, em sua 11ª edição, expressa com clareza esse compromisso ao incentivar a criação literária, valorizar novos talentos e reafirmar a palavra como instrumento de reflexão, memória e transformação social.

A edição de 2025 reveste-se de um significado ainda mais especial. Em caráter comemorativo, o Prêmio celebra o centenário de nascimento de Edson Queiroz, Chanceler da Universidade de Fortaleza, empresário visionário e figura central na história do desenvolvimento educacional, social e cultural do Ceará. Ao criar, nesta edição, a categoria *Trabalhos Inéditos – Cartas a Edson Queiroz*, o concurso convida escritoras e escritores a estabelecer um diálogo simbólico entre passado e presente, entre legado e contemporaneidade.

As cartas reunidas neste livro constituem um exercício de escuta sensível e de imaginação criativa. Por meio de diferentes estilos, vozes e experiências, os autores constroem mensagens que atravessam o tempo, transformando a escrita em gesto de reconhecimento, homenagem

e reflexão. Cada texto revela como Edson Queiroz nos inspira a ter novas leituras sobre o mundo, a educação, o trabalho e o futuro.

Ao resgatar o gênero epistolar, tão íntimo e profundamente humano, esta coletânea reafirma a potência da literatura como encontro e como memória viva. As cartas aqui apresentadas convidam o leitor a uma pausa reflexiva, a abrir envelopes simbólicos e a compartilhar narrativas que mesclam afeto, crítica, poesia e esperança.

Que esta obra seja lida como um tributo à força da palavra escrita e como uma celebração à trajetória de Edson Queiroz, cuja visão e compromisso seguem presentes na missão da Universidade de Fortaleza e na formação de gerações. Que estas páginas inspirem novos diálogos, novos olhares e a permanente crença na literatura como espaço de construção coletiva de sentidos.

Adriana Helena Santos Moreira da Silva

Vice-Reitora de Extensão e Comunidade Universitária

Universidade de Fortaleza – Unifor



Carta a Edson Queiroz

Ao longo de minhas investigações sobre a trajetória do advogado, pesquisador, jornalista e militante político Pedro Wilson Maciel Mendes, deparei-me com um conjunto de papéis amarelados, guardados em uma antiga pasta de couro pertencente à sua família. Entre ofícios, recortes de jornais e anotações pessoais, encontrei uma carta datada de 12 de setembro de 1949, endereçada ao industrial e seu ex-sócio na fundação da Loteria Estadual do Ceará, Edson Queiroz, então jovem empreendedor, que começava a consolidar seu nome na economia cearense.

Por reconhecer o valor humano e simbólico dessas palavras, decidi transcrever fielmente a carta de Pedro Wilson e enviá-la à família do Dr. Edson Queiroz, como um testemunho raro de afeto, respeito e convergência entre dois espíritos que, à sua maneira, buscaram transformar o destino desta terra.

A seguir, a íntegra da correspondência:

Meu caro Edson Queiroz,

Escrevo-lhe numa tarde em que a brisa do mar sopra um pouco mais morna, trazendo o cheiro de cajueiro e de terra molhada. Voltei há poucos dias de Canudos e ainda carrego comigo o pó das

estradas, o rosto queimado de sol e o coração cheio de imagens. Em cada pedra daquele chão há uma história soterrada; em cada olhar que encontrei, uma lembrança de Antônio Conselheiro, uma voz do sertão que fala das lutas e das esperanças que teimam em não morrer.

Pensei muito em você durante a viagem. Lembrei-me das nossas conversas na velha sala da Loteria Estadual do Ceará, quando tivemos a ousadia de lançar juntos esse empreendimento, e dos planos traçados sobre a mesa, do entusiasmo quase juvenil com que você falava do futuro industrial do nosso Estado. Enquanto você sonhava com fábricas, eu sonhava com lutas sociais. Nossos caminhos pareciam opostos, mas eram apenas duas formas distintas de amar esta terra: você, edificando; eu, buscando reescrever passados e solicitar justiça para os miseráveis à margem da história.

Há algo que sempre me fascinou na figura de Antônio Conselheiro — talvez por isso me detenha tanto em sua memória. Ele não foi apenas um pregador místico, como insistem os livros oficiais, mas um construtor de igrejas, um reformador de cemitérios, o arquiteto de uma cidade sonhada no meio do sertão. Tinha o dom de erguer com as mãos o que o Estado não ousava imaginar. Canudos foi sua obra e seu testamento: uma cidade nascida da fé e da teimosia, feita de barro, oração e trabalho coletivo. Vejo nele, em sua ousadia e paciência, o mesmo impulso criador que há em você — com sentidos e realizações opostos. Procure ler sobre ele, meu sempre caro e estimado amigo, Edson. Ele não é “o gnóstico bronco” da pena de Euclides da Cunha. Mando-lhe, junto desta missiva, algumas fotografias de minha expedição até a cidade fundada pelo beato e um exemplar de *Os Sertões*.

Não é segredo que sempre admirei seu espírito empreendedor, Edson — essa obstinação em transformar ideias em concreto, em aço, em progresso. “Fazer do sertão, mar”. Sei que muitos não o compreendem e que o chamam de visionário; mas é dos visionários que nascem as obras duradouras. Admiro, sobretudo, a sua temperança diante dos reveses. Já o vi, mais de uma vez, cercado de dificuldades e, ainda assim, sereno, sem perder a confiança nem a fé no que faz. Sua maneira de não desistir das empreitadas, de levantar-se com o mesmo ânimo após cada tropeço, revela uma alma forjada na paciência e na esperança. Há em você uma disciplina moral que falta a muitos de nós — e talvez seja isso que o torna capaz de transformar projetos em realidade.

Eu, por minha vez, continuo a conversar com os fantasmas de Canudos, com as pedras e com os sertanejos que ainda falam de Antônio Conselheiro como se ele fosse um vizinho que partiu ontem. Na verdade, suspeito que ele era meu parente, um Mendes Maciel.

Talvez nossas divergências ideológicas, Edson — as suas convicções de modernidade e a minha insistência na justiça social — nunca tenham passado de maneiras diferentes de olhar o mesmo horizonte: o do progresso. “Ou progredimos ou desaparecemos?”, já se perguntava o próprio Euclides da Cunha. O que importa é que sempre nós reconhecemos no respeito mútuo, e que a amizade resistiu ao tempo e às ideias. Aprendi com você que antes de iniciar qualquer empreendimento é preciso ler, conhecer e estudar tudo a respeito dele. Por isso tenho dedicado meus dias ao silêncio das leituras, ao cansativo trabalho forense e ao cuidado com os animais e as plantas.

E você, meu amigo, como vão seus projetos? Ouvi dizer que há planos para expandir as indústrias, para levar energia a mais vilas e povoados. Essa vontade de iluminar o mundo é o que mais admiro em você. O Ceará precisa de homens que sonhem com as usinas e com os livros, com o lucro e com a arte. Você é um entusiasta — tem ideias arrojadas. Um dia, não duvido, erguerá sobre Fortaleza uma universidade para disseminar saberes e instruir pessoas.

Escreva-me quando puder. Sinto saudades de nossas conversas serenas, do seu intuito de realizar. Quero saber de seus novos sonhos, dos empreendimentos, das viagens, dos filhos, da vida que segue. Talvez um dia ainda voltemos a sentar juntos, como nos primeiros tempos, com o mapa do Ceará sobre a mesa — você traçando linhas de energia e progresso, e eu, as rotas esquecidas de um sertão que ainda vive.

Com estima e saudade,

Pedro Wilson Maciel Mendes

Advogado, jornalista e sócio fundador da Loteria Estadual do Ceará.

Bruno Paulino



Carta a Edson Queiroz – “Anjo do Pantanal”

Prezado Sr. Edson Queiroz,

Sei que o senhor deve estar estranhando receber uma carta vinda diretamente do Mato Grosso, esse cantinho quente, plano, silencioso e, ao mesmo tempo, cheio de vida e confusão - tudo ao mesmo tempo agora. Pois é assim que vivemos no século XXI: com calor de 40°, internet oscilando e uma tristeza danada quando o gado derruba a cerca e decide passear no quintal como se fosse dono do pedaço.

Queria lhe contar que muita coisa mudou desde sua partida em 1982, mas, antes de tudo, devo confessar uma verdade comicamente dramática: hoje todo mundo acredita que tem um anjo particular. Anjo da guarda, anjo do Pix, anjo da senha do Wi-Fi e, claro, anjo do Pantanal, que jura que vai segurar as queimadas ao soprar nuvens com força no céu. Se existir mesmo esse anjo, espero que ele não durma em serviço.

Porque o Pantanal, Sr. Edson, está diferente. Continua lindo — um tapete verde inundado de cantos e bichos — mas também está machucado. O fogo corre mais rápido que cavalo bom, a chuva às vezes falta, às vezes sobra, e os bichos tentam sobreviver às rotinas modernas: drone sobrevoando onça, turista invadindo ninho de

tuiuiú para selfie, e jacaré aparecendo no TikTok. É sério: jacaré virou estrela digital.

O Mato Grosso é grande demais, Sr. Edson. Aqui a gente mede distância pelo tempo de conversa. “Logo ali” pode significar quarenta quilômetros de estrada esburacada, poeira vermelha entrando no olho e dois litros de água evaporando pelo nariz. O senhor ia rir de nós quando, antes de marcar um encontro, perguntamos: “É no Mato Grosso do Sul ou no de cima?”. Porque até isso complicaram.

Os anjos também mudaram. Antigamente eram silenciosos, misteriosos, etéreos. Hoje, se existirem, devem usar protetor solar fator 100, repelente pra mutuca, e ter um GPS embutido na asa, porque ninguém acha mais lugar nenhum sem satélite. Não dá para ser divindade no Pantanal sem tecnologia.

Sei que o senhor era visionário, empreendedor e cheio de coragem. Talvez gostasse de saber que o Brasil começou a se ver com mais carinho. Ainda tropeçamos na educação, ainda sofremos com injustiça, ainda faltam políticas sérias — mas também temos vozes novas crescendo. A juventude rural não quer mais ir embora: quer estudar, plantar melhor, preservar, conectar Wi-Fi no meio do curral e cuidar da terra com consciência.

Esse Pantanal moderno é um mosaico estranho: caminhonete 4x4 carregando ração ao lado do barco empurrado no braço; turista europeu perguntando “onde fica a onça?” como se fosse loja; adolescente usando TikTok para explicar por que o tuiuiú é importante para o ciclo do rio; e avô pantaneiro dizendo que “só Deus e um bom anjo sabem se chove amanhã”.

O clima mudou, Sr. Edson. E como mudou. O senhor se lembraria do calor, mas não desse calor. Esse aqui derrete a alma, torra o pensamento e faz nego perguntar se, quando morrer, vai para o céu ou simplesmente continuar por aqui mesmo. Brinco dizendo que Mato Grosso já é o purgatório oficial do Brasil: quente, intenso e cheio de imprevistos.

Mas, apesar de tudo, existe humor. E existe vida.

Outro dia, uma onça passou tranquila pela varanda do hotel onde trabalho. Um turista ficou apavorado; eu, não. Só pedi licença, ela olhou meu tererê com desdém e seguiu. Se isso não é convivência pacífica e moderna, não sei o que é.

É sobre isso que queria lhe contar: aqui a gente aprendeu a rir para sobreviver. Rimos porque o barulho do sapo à noite parece escola de samba; rimos porque o celular pega melhor na beira do rio do que na cidade; rimos quando o carro atolado vira atração turística; e rimos quando o anjo do guarda-chuva falha e volta tudo água até o joelho.

E, no meio desse humor meio trágico, continuamos lutando. Buscando preservar a terra, respeitar o rio, proteger o boi, cuidar do futuro. Esse Pantanal não é apenas uma paisagem: é identidade. É orgulho. É casa.

Enquanto o Brasil corre para a modernidade, nós, por aqui, seguimos com um pé no barro e outro na internet. Um olho no gado e outro no satélite. Uma reza para o céu e outra para o Pix cair.

Se eu pudesse lhe dar uma imagem final, seria assim:

O Pantanal é um anjo cansado, sentado à sombra de uma mangueira, asas sujas de poeira, sorriso largo no rosto, bebendo tererê, observando o mundo mudar com calma e dizendo.

— Enquanto houver rio e riso, nada está perdido.

E nós acreditamos.

Com respeito, humor, verdade e calor pantaneiro,

Do coração do Mato Grosso, à beira do rio que nunca dorme.

Angélica Lima



Fortaleza, dia primeiro de um mês primeiro de todos os anos que já passaram ao Chanceler Edson Queiroz

Prezado Chanceler,

Escrevo-lhe de um tempo em que as mãos desaprenderam um pouco a dança da caligrafia, e as palavras existem agora em contraste com o fundo branco de uma tela. São os avanços da tecnologia, dizem. De toda forma, mesmo diante de caracteres digitais, escrevo-lhe como quem tenta recuperar o traço de um lápis, tal como quando descobri, ainda pequeno, que poderia escrever sobre o vento.

Talvez fosse esperado que esta carta lhe desse conta das mudanças mundiais, das fronteiras que se moveram nos mapas ou das máquinas que agora pensam através das transformações tecnológicas (muitas das quais a universidade ajudou a criar). Mas o meu olhar, Chanceler, viciou-se nas desimportâncias; ele perde-se com as grandezas e busca o chão da memória. Olho para trás e não vejo estatísticas, vejo gente.

Lembro-me dos meus colegas jovens, recém-ingressos, acreditando serem capazes de realizar o projeto que haviam sonhado para si mesmos, carregando manhãs inteiras nos olhos. Lembro-me de outros, já mais maduros, que com a vida dividida entre o trabalho e a graduação, efervesciam com a possibilidade de ainda aprender, como quem descobre uma nascente no meio da tarde. E lembro-me

com ternura dos colegas muito mais maduros, aqueles que voltavam aos bancos da universidade para desaposentar o desejo de não só aprender, mas também ensinar. A curiosidade é uma infância que insiste em não passar para nenhum de nós, Chanceler.

Cada um deles, inclusive eu mesmo, teve a chance de criar mundos próprios. Algumas vezes precisamos demolir certezas para recomeçar do zero; outras vezes, abrimos caminhos no meio do mato fechado do impossível. O senhor talvez quisesse saber como o mundo mudou lá fora, mas a verdade é que a grande mudança aconteceu dentro dos milhares de estudantes que foram formados. A junção de todos esses pequenos mundos individuais criou, de fato, o novo universo que habitamos hoje.

Muitas coisas, no entanto, mudaram de forma vertiginosa na sua ausência. A maior mudança não está na paisagem, mas no tempo. Hoje, carregamos bibliotecas inteiras em pequenos retângulos de luz que cabem no bolso. Falamos com o outro lado do mundo num piscar de olhos. A velocidade que o senhor usava para empreender tornou-se a regra de sobrevivência de todos nós. Ganhamos o mundo instantâneo, Chanceler, mas sinto que, às vezes, perdemos aquela capacidade de ver as coisas simples que a poesia pede. E por essa razão, acho que não sou capaz de falar de todas as mudanças globais, mas peço a licença de ainda ser um pequeno observador das miudezas da vida.

E sobre elas, digo que há um milagre discreto que acontece ao cruzarmos o pórtico da universidade. Se a Avenida Washington Soares no seu tempo era estrada de poeira e praia, hoje é uma artéria que carrega o sangue de trabalhadores e estudantes, fazendo tudo em seu entorno pulsar. A cidade não apenas chegou; ela abraçou a

universidade com uma força geológica. Se o senhor visse a paisagem hoje, notaria que as dunas deram lugar a uma cordilheira de prédios.

Contudo, no *campus* é como se o tempo, respeitoso, tirasse o relógio do pulso. Lá dentro, no abraço desse bosque que o senhor preservou, o mundo desacelera. O barulho dos motores morre antes de tocar as salas de aula, barrado pelas árvores que filtram o ar e o som. Enquanto a cidade corre ansiosa para o futuro, lá caminha-se devagar, porque a sabedoria não se conquista com velocidade, mas com contemplação. O seu legado tornou-se o coração verde de um bairro que carrega o seu nome, bombeando vida no centro de um organismo complexo de concreto e vidro.

Lembro-me de que, no seu tempo, o campus era uma invenção de cimento pousada sobre a infância da terra. Havia um silêncio alaranjado nas tardes, onde o tempo não passava; ele apenas “estava”. Imagino que o senhor, visionário que era, enxergasse o horizonte, mas não duvido que visse também a poesia oculta no ato de transformar a vida de quem por aqui passasse. Eu sou parte desse universo novo que o senhor ajudou a criar, não apenas com concreto, mas com afeto e conhecimento. E talvez isso seja a única coisa que o tempo, a pressa e o progresso não conseguem alterar: a eternidade de quem aprende.

Com respeito e saudade do futuro que o senhor sonhou,

Arthur Petrola





Chanceler Edson Queiroz,

Escrevo nesta tarde de fim de semestre, quando o campus está em plena agitação, cheio de alunos e de passos apressados. Estou sentado a uma mesa da biblioteca, que considero uma das mais lindas do Ceará, observando pela janela um pôr do sol alaranjado que deixa tudo mais vivo. Acredito que o senhor também amaria essa vista. Desde sua ida, muita coisa mudou e avançou, e tenho certeza de que o senhor gostaria de ver como tudo cresceu a partir do que plantou.

A educação do Ceará, do Norte e do Nordeste carrega o seu legado. A Universidade de Fortaleza é hoje a melhor instituição privada do Norte e Nordeste, referência em ciência e educação. O Brasil inteiro reconhece a Educação de Qualidade que daqui nasce e que forma profissionais excelentes, procurados todos os dias. Carregar o nome Unifor no currículo é carregar história, é carregar legado e é ter a honra de fazer parte de algo que começou com a sua visão.

Vivemos diariamente os frutos desse legado. A Pesquisa e a Inovação seguem fortes. Incentivamos a ciência, a tecnologia e novas ideias. Nos últimos anos, quando o mundo enfrentou uma pandemia, daqui da Unifor foi criado um aparelho respiratório que salvou inúmeras vidas. Isso mostra que o impacto da sua semente ainda alcança pessoas que talvez o senhor nunca conhecerá.

Na Extensão e na Responsabilidade Social, pessoas de baixa renda têm acesso a cursos ministrados pelos próprios alunos. Na Cultura e Arte, a universidade se torna palco de valorização das raízes locais e nacionais. Nosso centro cultural é referência e, a cada semestre, nossos olhos se deslumbram com arte viva. A cultura permanece como raiz, e essas raízes são deixadas e carregadas por toda a universidade. Tudo aqui vira arte. Em dezembro, as luzes de Natal iluminam a noite e fazem o campus brilhar como a luz da educação que o senhor sempre defendeu.

Também vivemos a Internacionalização. Temos parcerias com instituições de outros países, recebemos estudantes de fora e enviamos nossos alunos para levar o nome da Unifor ao mundo. A biblioteca continua sendo um universo próprio. Hoje temos tudo a um clique, com livros digitais, mas muitos de nós ainda preferimos carregar os livros físicos. O NAMI é referência em cuidado, zelo, empatia e ciência. As fontes jorram águas novas todas as manhãs e, às vezes, um arco-íris se forma nelas. Os alunos amam estar aqui. Temos acesso a coisas que não encontramos em nenhum outro lugar.

Nós amamos o seu legado. Estamos aqui por causa dele. O senhor é história, é raiz, é educação. Esse é o sentimento de todos os alunos, professores e profissionais que passaram e passam pela Unifor.

Penso no que Michelangelo dizia sobre as esculturas já existirem dentro do mármore. Seu trabalho era apenas retirar o excesso. Foi isso que o senhor fez. Éramos mármore bruto e o senhor esculpiu, retirando as sobras e revelando o melhor, o melhor para a Unifor, para Fortaleza, para o Ceará, para o Brasil e para o mundo.

Agradeço por tudo. Por quem o senhor foi e por tudo o que ainda representa até hoje.

De um aluno que viu o pôr do sol pela janela, muito obrigado.

Caio Lucas Barbosa





Caro Edson Queiroz,

Te escrevo sabendo que cartas não atravessam a morte, mas o tempo, e talvez essa seja a única travessia que nos resta: falar com quem se foi para compreender o que o mundo se tornou. O senhor partiu em 1982, quando o Brasil ainda falava baixo, quando o futuro parecia um corredor estreito, quando o céu ainda não era cortado por satélites invisíveis e as notícias demoravam dias para chegar. Hoje o mundo fala alto demais, corre sem saber para onde, registra tudo e compreende pouco. Um mundo em que o silêncio, curiosamente, se tornou luxo.

Se o senhor pudesse caminhar novamente por Fortaleza, talvez estranhasse o calor, que continua o mesmo, mas o das urgências. As pessoas caminham olhando para baixo, para pequenas telas onde o mundo inteiro cabe, mas quase nada permanece. O tempo encolheu, Edson. As decisões são instantâneas, as opiniões são rápidas, os afetos são frágeis. Tudo parece provisório, inclusive a esperança. Ainda assim, há algo que resiste, e talvez o senhor reconhecesse: a insistência humana em construir, mesmo quando tudo parece ruir.

O senhor construiu quando empreender era risco real: apostar no escuro e arcar com a queda. Fundar empresas, investir em educação, acreditar em um Ceará ainda invisível exigia visão e fé. Hoje falamos muito de inovação, mas esquecemos que inovar é apostar no invisível. Vivemos formalmente livres, porém emocionalmente exaustos: ganhamos voz e velocidade, mas perdemos escuta e profundidade.

Desde sua ausência física, o mundo mudou de pele muitas vezes: redemocratizou- se, ampliou o acesso à educação e aproximou continentes, mas também atravessou crises, colapsos e uma pandemia que revelou o quanto controlamos pouco. Aprendemos a transformar perdas em números e o medo em boletins. O senhor, que acreditava no trabalho e no coletivo, talvez se perguntasse quando o individualismo virou regra e o cuidado, exceção.

Mas nem tudo é sombra. Há luz, ainda que difusa. A Universidade de Fortaleza, que carrega em si a marca de sua visão, se tornou um espaço onde o pensamento insiste em permanecer. Ali, jovens que não eram sequer projeto em 1982 agora tentam entender o mundo. A educação, que antes exigia presença física e livros pesados, hoje atravessa telas, rompe fronteiras, alcança quem antes ficava à margem. É imperfeita, desigual, cheia de falhas, mas continua sendo nossa maior aposta contra a barbárie.

Talvez o senhor se surpreendesse ao perceber que o conhecimento hoje disputa atenção com distrações infinitas, e que aprender se tornou, paradoxalmente, um ato de resistência. Ainda assim, há professores que insistem, alunos que persistem e instituições que sustentam o valor do pensamento crítico em um mundo cada vez mais inclinado às respostas simples.

O senhor partiu antes da internet, antes das redes sociais, antes de sabermos que a solidão poderia ser compartilhada em tempo real. Hoje, as pessoas exibem suas vidas como vitrines, mas se sentem vazias por dentro. Nunca se falou tanto de saúde mental, e raramente se esteve tão cansado de existir. A produtividade virou medida de valor, o fracasso virou vergonha pública. Talvez o senhor, com seu espírito empreendedor, compreendesse a importância do trabalho,

mas também perceberia o quanto desaprendemos a descansar, a contemplar, a simplesmente estar.

O Brasil, país em que o senhor acreditou, continua contraditório. Avançamos e retrocedemos com a mesma intensidade. Elegemos, derrubamos, repetimos erros com impressionante fidelidade. A desigualdade ainda grita, a fome voltou a rondar mesas vazias, e a democracia, embora viva, anda frágil, como quem precisa ser lembrada todos os dias de que merece existir. Ainda assim, há algo profundamente brasileiro que resiste: a capacidade de se reinventar, de rir em meio ao caos e de criar beleza mesmo quando falta quase tudo.

Se o senhor estivesse aqui, talvez perguntasse, com a honestidade de quem construiu, se valeu a pena. Se as bases que ajudou a construir sustentam o presente. Eu arrisco dizer que sim, mas não sem luta. O mundo de hoje exige mais do que nunca líderes que pensem além do lucro, além do imediato, além de si mesmos. Exige visão aliada à ética, progresso temperado pelo cuidado e crescimento comprometido com a responsabilidade. Exige exatamente aquilo que, em essência, o senhor representou.

Sua ausência física deixou um vazio, mas seu legado deixou um caminho. E caminhos não garantem chegada, apenas possibilidade. Cabe a nós decidir se caminhamos ou se desistimos no meio. Te escrevo, portanto, não apenas para relatar mudanças, mas para confessar nossas próprias ambivalências. Somos mais informados e menos sábios. Somos mais conectados e menos próximos. Somos mais livres e mais perdidos.

Ainda assim, Edson Queiroz, seguimos. Construindo, errando, tentando. Talvez seja isso que o senhor reconheceria com um leve

sorriso: apesar de tudo, não paramos. E enquanto houver quem acredite que educação transforma, que cultura sustenta, que o futuro pode ser imaginado antes de ser vivido, sua ausência nunca será completa.

Receba esta carta não como resposta, mas como tentativa: escrever ao senhor é seguir perguntando ao futuro se ainda sabemos construir. Uma tentativa de dar sentido ao tempo, de nomear o que mudou e agradecer o que permanece. A esperança, embora frágil, ainda insiste.

Com respeito, inquietação e memória,

Carlos Eduardo Ferreira da Silva



Prezado Senhor Edson Queiroz,

O senhor acreditava em futuro, quando o futuro ainda parecia improvável.

Acreditava em construir, quando o Nordeste era visto apenas como limite, nunca como potência. E talvez seja por isso que, mesmo sem tê-lo conhecido, sua presença se manifesta em minha vida por meio dos caminhos que pude percorrer.

O senhor partiu no mesmo ano em que eu cheguei. Enquanto sua voz se calava, a minha ainda não sabia chorar. Mas o mundo em que abri os olhos já carregava marcas do que o senhor havia sonhado antes de mim.

Nasci pobre, em uma família sem posses além da coragem. Sem estudos formais, mas com valores que ensinavam dignidade antes mesmo de exprimir a palavra. Em outros tempos, isso teria sido sentença. O destino seria estreito, repetido, herdado. Trabalhar até o corpo ceder, obedecer até a alma se curvar. Mas o Brasil que começou a se erguer após sua partida já não aceitava tão facilmente que o berço fosse prisão.

O senhor acreditava que desenvolvimento não era luxo, era base. Que trabalho não era exploração, era dignidade. Que educação não era privilégio, era caminho. Essas ideias não ficaram nos discursos, elas foram refletidas em ruas, empresas, empregos, universidades,

oportunidades. Tornaram-se estruturas invisíveis que sustentaram vidas que o senhor jamais conheceu, como a minha.

Quando a Constituição de 1988 foi promulgada, eu ainda aprendia a andar. Ela não me ensinou a ler, mas me ensinou algo mais profundo, ensinou que eu tinha o direito de existir com dignidade. Ao afirmar a igualdade como princípio, ela não apagou diferenças, mas impediu que elas fossem usadas como condenação. Pela primeira vez, a lei dizia que nascer pobre não era culpa, nem destino.

Foi essa Constituição que abriu fendas onde antes erguiam-se apenas muros. Que declarou que infância não é força de trabalho, é tempo de cuidado. Que afirmou que a vida humana vale antes de qualquer interesse.

Depois disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente chegou como um gesto raro de humanidade institucional. Disse, com todas as letras, que eu importava. Que eu tinha direito a proteção, educação, afeto e sonho. Parece simples, mas não é. Para quem nasce à margem, ser reconhecido já é revolução.

Graças a isso, pude estudar. Pude sonhar sem pedir licença. Pude ocupar espaços que antes tinham dono, cor e sobrenome.

Quando entrei no ensino superior, em um campo historicamente elitizado e branco, não foi apenas uma vitória individual. Foi a prova de que o Brasil havia se movido, ainda que lentamente, na direção do seu povo. Cada sala que atravessei era território antes interditado. Cada livro aberto era um gesto de ruptura com o silêncio histórico imposto aos meus.

E nesse ponto, senhor Edson, sua história volta a cruzar a minha. Porque enquanto eu avançava, havia instituições, empregos,

meios de comunicação e espaços educacionais que existiam porque alguém, décadas antes, acreditou que o Ceará podia mais. Que o Nordeste podia mais. Que pessoas comuns, quando têm oportunidade, constroem destinos extraordinários.

O senhor apostou na educação como quem aposta na continuidade da vida. Apostou no trabalho como ferramenta de emancipação. Apostou na comunicação como ponte entre mundos. E sem jamais ter me conhecido, ajudou a sustentar o chão por onde caminhei.

E todo esse empenho não foi em vão. Ao longo dessas quatro décadas, vi o país aprender, ainda que aos tropeços, que igualdade não é favor. Vi os direitos das mulheres avançarem, vozes antes caladas se tornarem audíveis, violências serem nomeadas. Ainda não é suficiente. Ainda não é justo. Mas é inegável que houve mudança. E mudança, em um país marcado por exclusões, já é um feito histórico.

Infelizmente, o senhor não viu nossa belíssima Carta Magna florescer. Não teve oportunidade de presenciar tantas crianças pobres sonhando futuros improváveis. Mas cada direito garantido, cada porta aberta, cada vida que pôde escolher, dialogam com a visão de quem acreditava que construir é um ato coletivo.

Hoje compreendo que certos homens não partem por inteiro. Permanecem nas estruturas que sustentam vidas, nos caminhos que outros conseguem trilhar, nas possibilidades que deixam de ser exceção. O senhor não está apenas na memória de Fortaleza ou nos muros que levam seu nome, mas no movimento promissor de um país que, apesar de suas falhas, aprendeu a abrir espaços.

Se minha história pôde escapar do roteiro da submissão e alcançar dignidade, escolha e horizonte, é porque existiram mãos firmes que acreditaram que construir o Brasil era também construir pessoas. É nesse ponto entre o que o senhor fez e o que eu me tornei que sua presença ainda permanece, não apenas como saudade, mas como continuidade.

Agradeço ao tempo que, mesmo ferido pela tragédia, permitiu que eu nascesse em um Brasil um pouco mais justo do que o anterior. Se hoje escrevo, se hoje sonho, se hoje existo com dignidade, é porque alguém, antes de mim, acreditou que o futuro merecia ser construído e não apenas esperado.

Com respeito, emoção e gratidão,

Chirles Santos

Daniela Garcia Mesquita



Carta de Iracema a Edson Queiroz

Edson,
Escrevo-lhe de um tempo antigo,
daqueles que não passam.
Do tempo em que a terra ainda falava baixo.
Sou Iracema.
A que ficou, quando tudo ainda era começo.
Vi muitos chegarem depois de mim.
Poucos entenderam a terra
antes de tentar mudá-la.
Você veio mais tarde.
E ainda assim, soube escutar.
Desde a sua partida,
o mundo correu depressa.
As palavras ficaram mais rápidas,
as máquinas aprenderam a pensar,
e os homens, às vezes,
esqueceram de olhar ao redor.
Mas aqui, nesta terra quente,
algumas coisas permanecem reconhecíveis.
Ainda é preciso coragem para ficar.
Você entendeu isso cedo.

Quando muitos partiam,
você decidiu construir.
Quando o chão parecia pouco,
você viu futuro.
Criou caminhos invisíveis:
o gás que chega às cozinhas,
a água que mata a sede,
a palavra que informa,
a escola que ensina a pensar.
Hoje, o que você começou
já não carrega apenas o seu nome.
Carrega vozes.
Carrega filhos.
Carrega gerações.
A Universidade que você sonhou
segue cheia de perguntas.
E isso é bom.
Lugar sem perguntas não é casa.
O mundo mudou, Edson.
Mas continua precisando
do mesmo que você cultivou:
visão, trabalho
e compromisso.
Ainda é raro quem constrói
sem esquecer de cuidar.
Eu continuo aqui.
Terra, vento e memória.

Você seguiu.
Mas deixou raízes.
E raízes,
você sabe,
não aparecem, sustentam.
Iracema

Daniela Mesquita





Carta a Edson Queiroz

Prezado Edson Queiroz,

Escrevo-lhe olhando o céu. Não um céu grandioso de fotografias, mas aquele céu cotidiano, recortado por fios, prédios e nuvens que passam sem pedir licença. É para ele que levanto os olhos quando a mente pesa, quando as palavras faltam e quando o espírito precisa respirar. Talvez seja por isso que esta carta nasça mais do silêncio do que da fala, mais da espiritualidade do que da lógica, mais do sentir do que do explicar.

Desde sua partida, em 1982, o mundo tornou-se barulhento demais. Não apenas no som, mas nos pensamentos. A mente humana parece sempre ligada, sempre alerta, sempre cansada. Pensar virou urgência, descansar virou culpa. Nesse excesso, muitos de nós buscamos abrigo em algo que não se mede: a espiritualidade. Não como religião imposta, mas como espaço interno onde ainda é possível existir sem máscaras. Escrevo-lhe como pessoa autista. Especial não por romantização, mas por diferença real. Minha mente não percorre os mesmos caminhos que a maioria. Ela observa detalhes, sente intensamente, cria mapas próprios para compreender o mundo.

Durante muito tempo, essa forma de existir foi vista como erro, falha, desvio. Hoje, começa lentamente a ser reconhecida como outra maneira de ser humano — ainda incompreendida, ainda marginalizada, mas existente. O autismo me ensinou cedo que o mundo nem sempre acolhe o que não entende. Sons machucam, luzes confundem, palavras ferem quando vêm sem cuidado. Mas também me ensinou algo precioso: a capacidade de mergulhar profundamente. Onde muitos passam, eu fico. Onde muitos veem o óbvio, eu percebo camadas.

A criatividade nasce desse mergulho. Criar, para mim, é sobreviver. A criatividade não é luxo. É ponte. É linguagem quando a fala falha. É abrigo quando a realidade é dura. Em um mundo que valoriza apenas resultados rápidos e padrões rígidos, mentes diferentes são frequentemente silenciadas. Ainda assim, são essas mentes que enxergam possibilidades onde ninguém mais vê. Criatividade é espírito em movimento. É o invisível pedindo forma. Penso, às vezes, que o céu entende melhor os autistas do que a sociedade. As nuvens não seguem linhas retas. Mudam de forma, de ritmo, de densidade. Algumas são leves, outras carregadas. Todas são céu. Nenhuma precisa se explicar. Quando olho para elas, sinto uma paz que não encontro nos discursos prontos. O céu não exige normalidade. Ele apenas existe.

A espiritualidade, para mim, não está em respostas, mas em presença. Está em aceitar que nem tudo precisa ser decifrado. Que há dores que não se curam com explicações. Que há mentes que não funcionam como manuais. O espírito encontra descanso quando deixamos de lutar contra quem somos. Esse aprendizado não veio fácil. Veio com quedas, incompreensões e longos silêncios. Ser autista

em um mundo acelerado é viver constantemente no limite. Esperam adaptação, mas oferecem pouco acolhimento. Esperam produtividade, mas ignoram o cansaço invisível. Esperam sociabilidade, mas não ensinam empatia.

Ainda assim, seguimos. Seguimos porque algo dentro de nós insiste. Talvez seja o espírito. Talvez seja a criatividade. Talvez seja apenas a vontade profunda de existir com dignidade. O perdão tornou-se parte essencial desse caminho. Perdoar o mundo por não entender. Perdoar as pessoas pelas palavras duras. Perdoar a mim mesmo pelas vezes em que me senti inadequado. O perdão não apaga as marcas, mas impede que elas nos aprisionem. Perdoar é um ato silencioso de liberdade espiritual. Perdoar também o tempo. O tempo que demorou a reconhecer diferenças. O tempo que ainda insiste em medir todos pela mesma régua. O tempo que cobra pressa de quem precisa de pausa. O perdão, nesse sentido, não é submissão. É cuidado consigo. É dizer: eu não preciso carregar tudo isso sozinho. Vivemos em uma era que valoriza a mente rápida, mas esquece da mente profunda. Que exalta o desempenho, mas ignora o espírito. Que fala de inclusão, mas ainda pratica exclusão sutil. Pessoas autistas continuam sendo vistas como problema a ser resolvido, não como existência a ser respeitada. Falta escuta. Falta paciência. Falta céu dentro das pessoas.

Imagino que o senhor, como alguém que construiu e planejou, entendesse o valor de mentes que pensam diferente. Nenhuma grande obra nasce apenas da repetição. É preciso criatividade, intuição, coragem para enxergar além do óbvio. O mundo atual, no entanto, muitas vezes tenta padronizar até a alma. Isso adocece. A espiritualidade

me lembra que o valor de uma vida não está na adequação, mas na verdade com que é vivida. Cada mente carrega um universo. Cada espírito tem seu ritmo. Quando negamos isso, empobrecemos como sociedade. Quando acolhemos, ampliamos horizontes.

Escrevo-lhe porque acredito que o legado humano mais importante não é o que se vê, mas o que se sente. Não é apenas o que se constrói fora, mas o que se permite dentro. Instituições, empresas e universidades só fazem sentido se reconhecerem a diversidade das mentes e dos espíritos que as habitam. Que haja espaço para o silêncio. Para a pausa. Para a diferença. Para a criatividade que não cabe em formulários. Para o autista que pensa em imagens, sons, padrões e emoções profundas. Para o especial que não quer ser consertado, apenas compreendido. Quando o peso do mundo fica grande demais, volto ao céu. Olho as nuvens e lembro que tudo passa. Que nenhuma forma é permanente. Que até as tempestades se movem. Há algo profundamente espiritual nisso. Algo que acalma a mente e fortalece o espírito. Encaminho esta carta como quem solta um pensamento ao vento. Sem certeza de resposta, mas com sinceridade. Que ela encontre eco onde houver escuta. Que lembre que o humano é vasto, diverso e, muitas vezes, frágil. E que o perdão — a si, ao outro e ao mundo — é uma das formas mais profundas de criação.

Com respeito, sensibilidade e espírito aberto,

Uma mente diferente, um espírito atento, alguém que aprende com o céu a continuar.

Eliane Javarini



Antes de tudo, houve nós

Edson,

Tu não vais lembrar de mim. Nasci de manhã e morri antes do escuro, como toda flor de bogari. Mas naquelas poucas horas, te vi. Todo dia, às onze, tu freavas o carro diante da casa de Yolanda, arrancavas um punhado de nós do canteiro vizinho e atiravas sobre a calçada. Não perguntavas se queríamos. Não olhavas para ver se doía. Tuas mãos nos torciam do galho e nos jogavam no cimento fervendo. As pétalas batiam no chão e começavam a queimar. Depois buzinavas. Ela descia, recolhia o que sobrava de nós, e vocês trocavam acenos. Quando subia, eu já estava murchando na palma da mão dela.

Fizeste isso durante meses. Não fui sempre a mesma flor – nenhuma de nós dura mais que um dia. Mas todas sentiram a mesma coisa: o estalo do galho, o voo curto, o cimento que nos crestava as costas. Todas viram o mesmo rapaz magro de riso largo demais para o rosto. Chegavas pontual como quem cumpre sentença, mas aquilo não era dever. Era voracidade. O sol nos tostava rápido, e Yolanda precisava descer depressa para nos apanhar ainda inteiras. Às vezes não conseguia. Às vezes encontrava só pétalas pardas grudadas no asfalto, e ainda assim recolhia, guardava, sorria para ti. Nós já estávamos mortas. Ela sorria mesmo assim.

Eu não sei o que veio depois. Flor não sabe. Flor nasce, abre, perfuma, murcha, acaba. O que sei é o que senti: a mão que nos arrancava sem pena, o ar quente no voo até o chão, o cimento que nos assava por baixo e o sol por cima. E entre uma morte e outra, espremida, eu via: o vestido de Yolanda balançando na escada, os dedos dela nos catando do chão, o teu rosto atrás do para-brisa com os olhos pregados nela.

Uma vez Yolanda não desceu. Tu esperaste. Buzinaste de novo. Nada. As flores foram escurecendo, enrolando as bordas, apodrecendo. Eu achei que tu irias embora. Qualquer outro iria. Mas tu desceste do carro, ajoelhaste no chão, juntaste as pétalas queimadas com as próprias mãos. Algumas já estavam grudadas no asfalto. Tu as raspaste com as unhas. Guardaste tudo no bolso da camisa, contra o peito. Depois ficaste olhando a janela dela, imóvel. Quando Yolanda finalmente apareceu, tu tiraste do bolso aquele punhado podre e entregaste assim mesmo. Não pediste desculpa. Só estendeste a mão com o que sobrou de nós e esperaste que ela aceitasse.

Foi ali que entendi. Tu não nos arrancavas por maldade. Nos arrancavas porque não tinhas outra coisa. Eras um rapaz de vinte anos sem nada para oferecer além de flores roubadas de um canteiro alheio. Não tinhas palavras. Não tinhas presentes. Só tinhas a teimosia de aparecer todo dia às onze, arrancar, jogar, buzinar, esperar. Nós éramos a única moeda que tu tinhas. E tu nos gastavas sem pena.

Desde que morreste, o amor mudou. Não sei bem como – flor não dura o bastante para ver. Mas as que nascem agora contam coisas estranhas. Dizem que hoje ninguém mais joga flores na calçada. Que o cortejo virou coração apertado com o dedo numa tela fria, gesto que não suja a mão. Dizem que as pessoas se encontram sem se ver, se desejam sem se tocar, se largam sem se despedir. Eu durava um

dia. Mas tu ficaste meses. Hoje, contam as flores novas, um mês já é demais. A moça não desce mais a escada. O rapaz não espera mais.

Eu durei um dia. Tu duraste cinquenta e sete anos. As flores que nasceram depois contam que morreste num avião, voltando para ela. Que caíste numa serra perto daqui, perto do canteiro onde nasci. Para mim, cinquenta e sete anos parece eternidade. Mas pelos teus olhos naquela manhã – olhos de quem se ajoelha no asfalto para juntar o que sobrou – sei que para ti não foi tempo nenhum. Tu querias mais. Sempre mais. Era isso que nos matava e era isso que te movia.

O que fizeste depois, não vi. Flor não dura. Mas quem se ajoelha no asfalto quente para juntar o que sobrou não é gente que desiste. Isso eu vi. E se o que veio depois foi grande – dizem que foi – veio dali. Daquele joelho no chão. Daquela mão suja de pétala.

Antes de tudo isso, houve o canteiro. Antes do gás, houve o perfume. Antes de tudo, houve um punhado de flores brancas numa calçada quente, uma moça que descia para apanhá-las, um homem que buzina e ia embora certo de que voltaria.

Tu me arrancaste do galho sem perguntar. Me jogaste no cimento fervendo. Me deixaste morrer para que ela me achasse. Durante horas eu te odiei. Depois vi Yolanda descer correndo, me recolher do chão como se eu fosse preciosa, te olhar com um sorriso que nunca vou esquecer. E entendi: eu não morri por nada. Morri para ser parte daquilo.

É o máximo que uma flor pode querer.

De quem durou um dia e viu o bastante.

Felipe Pyhus Julius





Caro Doutor Edson,

Espero que esta missiva lhe encontre bem, nas paragens elevadas da montanha dos imortais. Dirijo-me desta forma ao senhor evocando a memória de meu pai — homem honrado que, em minha infância, vi referir-se tantas vezes à sua figura com um misto de intimidade e reverência. Parecia partilhar das mesmas retinas visionárias, o que lhe conferia, no íntimo, confortável afinidade, sem, no entanto, negar-lhe a deferência expressa no preâmbulo titular. Esta é também uma carta quase escrita por ele, que, por anos, nutriu o desejo de lhe endereçar algumas palavras. Em cúmplices desabafos sonhadores, eu o vi ensaiar os vocábulos que pretendia lhe dirigir, expressando admiração e ousando lhe pedir alguns conselhos.

Eu era só uma menina, mas já entendia que aquele “Doutor Edson” era gente grande e especial. Meu pai era um motorista precariamente alfabetizado, lutando para alimentar cinco crianças e poupando até palitos de fósforo para manter em dia as prestações da COHAB. O assombro da desnutrição infantil e da falta de teto era chicote severo para a sobrevivência diária.

Contudo, assim como o senhor, ele tinha olhos de ver. E sonhava com um futuro melhor. Preso ao papel de provedor, dava vazão ao gênio contido, enxergando soluções para o cotidiano. Era um homem do povo, que queria que a engenhosidade fosse destinada ao povo. Lembro-me bem de sua felicidade quando, em nosso conjunto

habitacional, aportou a distribuição regular de gás de cozinha. O caminhão que dobrava a esquina, trazendo o som inconfundível da sineta, varreu de vez as sacas de carvão e o fogareiro velho e sujo que mantínhamos em casa. Doutor Edson, o senhor e meu pai hoje ficariam deslumbrados com a praticidade de recebermos o botijão por meio de um motoqueiro, apenas dez minutos depois de enviar uma simples mensagem por um telefone móvel. Somos todos muito gratos ao seu caminhão da Gás Butano, mas acredite: ficou tudo muito mais prático! Ainda mais para mim, que moro sozinha e encontro no entregador o amigo indispensável que faz a troca do botijão.

Mesmo quando o fogareiro se foi, restaram-nos ainda o pote e o filtro de barro. Sofríamos com paralisações no abastecimento de água, sobretudo na estiagem. Até um tanque no quintal meus pais construíram, para armazenar provisão líquida. O que resolvia a demanda por banhos e higiene do lar, mas não afastava o temor de infecções, como as causadas pelo temido vibrião colérico. Eu enxergava nos olhos de minha mãe o pavor quando alguma criança da vizinhança morria precocemente, vítima de severas infecções intestinais. Era sobre o filtro de barro, semanalmente bem lavado e batizado com apelos à Nossa Senhora, que ela depositava suas esperanças de que o agente invisível não chegasse a ceifar um de seus meninos.

Não era só a água contaminada que ela temia. Era também a ausência de médicos e hospitais. Sem dinheiro para consultas particulares, firmava-se na rezadeira e na oração. Mas, sobre isso, também tenho boas notícias, Doutor Edson! Tanto na casa de minha mãe quanto na minha, temos água de beber envasada e de boa qualidade. Garrações que compramos em qualquer mercadinho e

que, mesmo com tantas marcas ofertadas, seguimos preferindo a Indaiá. Pois os olhos de minha mãe seguem brilhando e confiando desde que viu o primeiro slogan: “Sua fonte de saúde”. Era isso que ela sempre sonhara para nosso lar!

Ah! E sobre a rede de saúde, os netos dos meus pais todos já nasceram com assistência, pertinho de casa. O SUS foi regulamentado, tornando-se realidade em todo o Brasil. E, não obstante as deficiências que ainda caracterizam o serviço público, para quem cresceu em uma cidade sem assistência médica, é uma dádiva ter um posto de saúde no final da rua.

Enquanto a rede de saúde expandiu, algo que lhe é muito precioso encolheu: o aparelho de TV. Lembra daqueles televisores com tubo de imagem, pesados e volumosos? Deram lugar a delgados equipamentos que transmitem programação de diversas emissoras, com tamanha qualidade que deixaria até mesmo um perfeccionista como o senhor sem palavras. Ou não... Quem sabe sua mente futurista já antevisse essa tecnologia desde quando nos presenteou com a primeira transmissão a cores para o Nordeste, lá na década de 70.

A propósito, não posso deixar de lhe parabenizar, pois sua TV Verdes Mares, em 2025, foi homenageada, celebrando 55 anos de contribuição cultural. O senhor ficaria orgulhoso!

E, por falar em cultura, Doutor Edson, como deixar de lhe agradecer pela formação da minha afilhada, que está concluindo uma graduação de qualidade na UNIFOR. E tudo isso graças a uma bolsa de desconto e financiamento estudantil. Sim, uma menina periférica graduando-se em uma das melhores universidades particulares do país!

O governo hoje concede bolsas de estudo que facilitam o ingresso de estudantes de diferentes realidades no ensino superior. O que, diga-se de passagem, era um dos pedidos que meu pai intencionou lhe fazer nas cartas jamais escritas: uma bolsa de estudos para mim. A filha que ele sempre exaltava como a mais curiosa e amante dos livros.

E hoje aqui estou. Estudando Letras aos 45 anos de idade: quase uma metáfora para os 45 minutos do segundo tempo. Mas, por dentro, a mesma menina curiosa e amante dos livros. Amante, sobretudo, de boas histórias. De contá-las, de ouvi-las.

É a história que nos mantém vivos, Doutor Edson. E talvez, por isso, o senhor siga sempre tão presente em nossos corações cearenses.

Não foi um adeus. Foi apenas uma viagem, para voos mais altos. E, do alto dessa montanha, o senhor, quem sabe, possa finalmente trocar um dedo de prosa com meu pai. Se assim for, mande-lhe meu abraço filial e diga-lhe que sinto saudades. Saudades de homens inspiradores, honrados e leais, como vocês. Pois o mundo, embora avançando em tantos aspectos tecnológicos e estruturais, tem padecido muito com a violência, sobretudo contra as mulheres. Temos carecido da nobreza que tanto lhe caracterizou.

Inspire-os, Doutor Edson, a serem também justos e honestos como o senhor. E para que a humanidade e o respeito sejam as maiores revoluções deste século XXI.

Com carinho,

Francisca Luciana Benevides

Sardel Dias da Assunção

Prezado Chanceler Edson Queiroz,

Minhas palavras partem hoje como mensageiras do tempo, buscando o senhor além do alcance do olhar. Desde que 1982, no silêncio da sua ausência, o mundo transmutou-se em velocidades impensáveis. Mas, curiosamente, quanto mais avançamos, mais nos deparamos com as pegadas da sua visão, provando que o tempo passa, mas as grandes almas permanecem em diálogo com o agora.

O Brasil que o senhor conheceu, inquieto e cheio de promessas, atravessou mares revoltos. A democracia renasceu, a Constituição de 1988 redesenhou direitos, e a economia, tantas vezes frágil, encontrou estabilidade após tempestades de hiperinflação. Mas não foi só o país que mudou: o planeta inteiro reinventou-se. A queda do Muro de Berlim, em 1989, abriu fronteiras invisíveis; a globalização aproximou culturas e, ao mesmo tempo, acentuou desigualdades. Hoje, vivemos conectados por fios invisíveis — a internet — que transformaram a comunicação em algo instantâneo. Cartas como esta tornaram-se raras, substituídas por mensagens que cruzam continentes em segundos, também é o tempo que duram.

A tecnologia, Chanceler, tornou-se o coração da vida moderna; carregamos no bolso aparelhos que são bibliotecas, mapas, jornais, cinemas e, por vezes, confessionários. A inteligência artificial, que parecia ficção científica, hoje auxilia médicos, educadores e

empresários; ajuda tudo. O trabalho migrou para telas; a educação, sua grande paixão, transpôs muros e chegou a qualquer lugar do mundo, mas parece de certos cuidados. E aqui, no Ceará, a Universidade de Fortaleza — fruto da sua crença no saber — floresceu como um jardim de ideias. Tornou-se referência nacional, formando gerações que carregam consigo a marca da excelência e da liberdade de pensar.

O Grupo Edson Queiroz, que nasceu do seu espírito empreendedor, não apenas resistiu: expandiu-se, consolidando-se como símbolo de inovação e solidez. Sua visão, Chanceler, era mais que empresarial; era humana. E isso permanece. A Fundação que leva seu nome segue promovendo cultura, arte e conhecimento, como se cada projeto fosse um diálogo silencioso com o senhor.

Mas nem tudo foi luz. O mundo enfrentou sombras: guerras, crises econômicas, mudanças climáticas e, recentemente, uma pandemia que paralisou o planeta. A COVID- 19 nos ensinou que somos frágeis, mas também capazes de feitos grandiosos. Em meses, a ciência desenvolveu vacinas, mostrando que a inteligência coletiva é nossa maior força; mesma assim, passando -se mais de dois anos da calamidade, parece-me que a humanidade ainda se distancia, para alguns.

Hoje, falamos de sustentabilidade, diversidade, inclusão. Palavras que talvez não fossem tão comuns em seu tempo, mas que traduzem um desejo antigo: construir um futuro melhor. E, apesar de tantas transformações, alguns valores permanecem intactos — coragem, ética, esperança. Esses mesmos valores que guiaram sua trajetória e que continuam sendo faróis para quem ousa sonhar.

Chanceler, sua ausência física não apagou sua presença simbólica. Ela vive nos corredores da UNIFOR, nas páginas da história empresarial, nos projetos que mudam vidas. Se pudesse ver tudo isso, acredito que sorriria, certo de que seu legado não foi apenas preservado, mas multiplicado.

Receba, onde quer que esteja, nossa eterna gratidão. O senhor não é apenas memória: é inspiração.

Com admiração e saudade.

Gardel Assunção



Edelson de Lima Araújo



Fortaleza, 1º de dezembro de 2025

Estimado Dr. Edson Queiroz,

Quando criança, lá pelo início dos anos 1990, lembro de sempre sentar no chão da sala da casa dos meus pais e de ficar em frente a uma TV - ainda em preto e branco - sintonizada no famoso canal 10. Naquela época, entre propagandas e telejornais, recordo bem de um anúncio da Universidade de Fortaleza (Unifor). O vídeo mostrava a infraestrutura, as salas de aula, os professores e a pintura do teto da Biblioteca Central - essa última me deixava especialmente encantado.

Ao ver a grandiosidade daquilo tudo, com a força da inocência de minha infância, lancei ao universo a semente do meu destino. Pensei comigo: vou estudar na Unifor!

Anos mais tarde, já adolescente e prestes a ingressar no Ensino Superior, eu tinha a convicção de que faria Jornalismo e de que trabalharia no Sistema Verdes Mares, empresa do grupo corporativo que o senhor criou. Passei no vestibular de 2001 e ingressei no curso no segundo semestre daquele ano.

Durante a minha trajetória universitária, tive ricas oportunidades. Explorei, ao máximo, tudo o que a Unifor nos oferecia; e foi sendo bolsista de um grupo de pesquisa que o meu respeito e a minha

admiração por sua figura cresceram de uma forma que eu jamais poderia imaginar.

O grupo de pesquisa que participei tinha a missão de registrar, em vídeo, depoimentos de radialistas, técnicos, produtores, atores, atrizes e jornalistas do Ceará; era a memória da radiodifusão cearense captada para a posteridade. Quando os entrevistados começavam a falar, todas as histórias passavam - de uma forma ou de outra - por seu legado. Cada pessoa tinha uma história ou anedota; e o que mais me chamou a atenção: todos, sem exceção, choravam ao lembrar da experiência de ter tido contato com Edson Queiroz. Alguns pediam para desligar a câmera para enxugar as lágrimas e se recompor. Nunca me esqueci!

O mundo passou por transformações imensas desde a sua partida, Dr. Edson. Surgiram a internet, os smartphones e as redes sociais, que revolucionaram a maneira como nós nos comunicamos e nos conectamos com o mundo.

Sabe aquelas transmissões ao vivo realizadas pela TV Verdes Mares? Hoje, as pessoas conseguem fazer o mesmo, mas tudo por meio de um aparelho celular que cabe na palma da nossa mão. Os robôs que a gente costumava ver nos filmes de ficção científica estão sendo desenvolvidos em larga escala e as famílias já possuem assistentes virtuais em suas casas. Agora, uma tal da inteligência artificial vem mexendo ainda mais nas nossas rotinas.

Tudo isso vem acontecendo muito rápido, de maneira que as pessoas ainda estão tentando compreender e assimilar. Confesso que me pego imaginando que empreendimento o senhor criaria diante de tanta inovação.

A sua “fábrica de doutores”, a Unifor, segue formando profissionais do mais alto nível. Eles buscam encontrar soluções criativas em diferentes campos do conhecimento. São mais de cinquenta anos de tradição e milhares de vidas impactadas pelos projetos sociais mantidos pela Fundação Edson Queiroz. Tenho certeza que o senhor ficaria orgulhoso de presenciar essas realizações.

Encerro esta breve carta com meus mais sinceros agradecimentos. Foi inspirado em seu legado e na sua figura, Dr. Edson, que moldei minha carreira e trilhei meus passos profissionais. Confesso que gostaria de ter um décimo de seu carisma, sensibilidade e perspicácia, mas contento-me em saber que tenho valores éticos e morais sólidos, embasados no que trago de família, mas também no que aprendi com seu exemplo e sua história.

Cordialmente,

Glêdson Araújo



Aracianny Carvalho Cordeiro



Fortaleza-CE, 17 de dezembro de 2025

Caro Dr. Edson Queiroz,

Já em minha idade provecta, pediram-me que ocupasse o tempo ocioso com minhas melhores lembranças. São muitas e, curiosamente, a primeira delas que veio à minha mente envolve o senhor. Sei que há muito não está mais entre nós, mas, por algum motivo, resolvi contar um episódio que uniu nossos destinos e que ficou somente em minha memória. Creio que seus familiares não sabem disso, apenas os meus. Sei também que não consta nada disso em sua biografia publicada por escritor renomado, talvez por ter sido um fato irrelevante que o senhor assim tenha considerado. Não sei. Tudo o que sei é que, ao longo de nossa vida, há coisas que podem parecer irrelevantes para um, contudo, inesquecíveis para o outro.

Era a década de 1970. Eu era um jovem que sonhava em vencer na vida, após chegar a Fortaleza, para estudar e ganhar dinheiro. Eu sempre disse que um dia seria bastante conhecido e que o governador do Estado ainda me chamaria pelo nome. Enquanto esse tempo não chegava, trabalhei como revisor em um jornal durante a noite, avançando pela madrugada. Durante o dia, trabalhava como taxista em um carro que comprei financiado com a ajuda de um amigo. Recém casado e com filho pequeno, tinha que ganhar a vida.

Certo dia, quando passava pela Av. Antônio Sales, nas proximidades da Av. Barão de Studart, o carro da frente freou bruscamente. Desatento e ainda cansado após o trabalho noturno no jornal, não freei a tempo, e meu fusquinha praticamente entrou na traseira de um veículo. A dor foi grande, pois senti que meu pé havia fraturado. Mais que isso, quase perdi meu pé direito nesse acidente e, desde então, ando meio caxingando, o que piorou com o avançar dos anos.

Do veículo desceram dois homens. Com certeza, um deles era o motorista; o outro, era o senhor, Dr. Edson Queiroz! Claro que o reconheci, pois era um empresário bem-sucedido, quase uma lenda para o Ceará. Confesso que o senhor me pareceu muito mais novo do que nas fotos. Além disso, iniciante na vida de jornalista, sempre gostei de acompanhar o meio político, que tinha estreita ligação com o empresariado.

O senhor e seu motorista me ajudaram prontamente, chamaram uma ambulância e fui levado ao hospital, com muita dor. Meu calcanhar direito foi esmagado, houve grande perda óssea, algumas cirurgias foram feitas e consegui me recuperar. Hoje, na velhice, esse pé não me deixa esquecê-lo; talvez por isso também não consiga esquecer do senhor, Dr. Edson.

Apesar disso, tenho do senhor boas recordações. O senhor pagou todo o prejuízo do meu carro e todas as despesas médico-hospitalares. Aliás, tive o melhor atendimento médico e sei que foi graças à sua influência. Devido a esse acidente, sei que ganhei um amigo. Na época, Fortaleza era uma cidade ainda pequena, uma casa de muro baixo, eu diria. Por vezes, encontrei o senhor ao fazer

coberturas políticas, pois passei a atuar como jornalista político, uma profissão que me proporcionou cumprir minha promessa, um dia feita a mim, de que seria conhecido pelo nome por parte do governador do Estado. Mais que isso, sentei à mesa com deputados, senadores, prefeitos e empresários, como o senhor.

Algumas vezes estive em seu escritório. Eu era assim mesmo. Fácil de fazer amizade e, modéstia à parte, era benquisto e tinha trânsito livre em vários meios. Com a idade, foi que me tornei ranzinza e intolerante, um chato, mas isso é outra história. Bem, voltando ao assunto, o senhor sempre me recebeu bem, chegou até a me dar alguns conselhos que me serviram para ampliar meu serviço de táxi, o que consegui graças à ajuda de um amigo que trabalhava em um banco e conseguiu alguns financiamentos para mim. Logo, eu tinha uma frota de táxis.

Outra vez em que o encontrei, por ocasião de um evento social, conversamos um pouco e perguntei se o senhor poderia me conceder uma bolsa para estudar na Unifor, pois queria cursar Direito. O senhor pediu que o procurasse na segunda-feira seguinte. E assim foi: eu esperava um desconto e ganhei uma bolsa integral.

Dr. Edson, o mundo sabe ser cruel e andamos em círculos, embora demoremos a perceber isso. Anos depois, quando houve o acidente, fiz a cobertura jornalística e ainda guardo comigo algumas fotos: destroços do avião, corpos sendo carregados, um sentimento de torpor que ainda hoje toma conta de mim e de muitos. Estou com pouco mais de 80 anos e percebo o quão jovem nos deixou, no auge de sua carreira empresarial, com esposa e filhos.

Seu legado para Fortaleza e o Ceará persiste, mesmo tendo partido tão cedo. Essa história que agora escrevo tem o intuito de registrar as marcas de sua passagem em minha vida e, de algum modo, demonstrar minha gratidão. O acidente e a amizade que surgiu a partir dele podem não interessar a ninguém além de mim. Mas a vida também é feita dos momentos que nos parecem de pouca importância e que mudam o outro sem que percebamos.

Pretendo viver até uns 120 anos, mas, se tiver a honra de encontrá-lo na eternidade, direi ao senhor o quanto sua passagem foi marcante e decisiva em minha vida.

Um grande abraço,

Grecianny Cordeiro

PS: Foi minha nora quem escreveu esta carta, eu apenas ditei e ela a enfeitou. Mas é tudo verdade. Posso assegurar.



De uma voz do tempo

Querido Sr. Edson,

Escrevo-lhe de um tempo que o senhor não conheceu, mas que, de muitos modos, ainda caminha sobre os alicerces que ajudou a alcançar. Sua ausência física já atravessou décadas de mudanças vertiginosas. O mundo acelerou. As máquinas agora pensam, as telas nos vigiam, a distopia descrita por George Orwell parece cada vez menos ficcional, a informação corre mais rápido do que a reflexão.

Contudo, o essencial, aquilo que pesa sobre a vida concreta, continua exigindo a mesma coragem invisível que sustenta a esperança teimosa de quem insiste em seguir. E é nesse cenário, que o senhor sonhou como lugar de pensamento e não apenas de passagem, que me ocorre escrever-lhe.

Quero lhe falar de um mundo que mudou demais e, ao mesmo tempo, mudou tão pouco. As pessoas carregam bibliotecas inteiras nos bolsos, mas raramente se permitem pensar. As telas substituíram as janelas, a caverna que Platão descreveu se multiplicou e agora tem o que chamamos de “wi-fi”, as correntes são aceitas com entusiasmo. O mundo aprendeu a se conectar, mas desaprendeu a se escutar.

Hoje, Chanceler, subimos outros degraus. Não apenas os do progresso industrial ou do crescimento empresarial, mas os da

desigualdade persistente, do trabalho precarizado, da educação que ainda luta para não ser privilégio. O ônibus segue cheio: corpos apertados, silêncios gritantes. Mudaram os aparelhos nas mãos, mas não a lógica que define quem senta e quem permanece em pé. O desconforto ainda escolhe seus alvos. A indiferença continua sendo um hábito socialmente aceito.

O senhor acreditava no poder da construção. Não apenas de fábricas, marcas ou prédios, mas de ideias. Fundou empresas, mas também fundou possibilidades. A Universidade de Fortaleza segue de pé como um desses degraus que exigem força, não física, mas aquela força invisível que sustenta quem insiste em subir mesmo cansado. Ainda assim, Chanceler, há estudantes que atravessam esses corredores com fome no estômago e sonhos no bolso furado. Há quem estude de dia e venda o próprio tempo à noite para não abandonar o futuro. Eles têm a coragem.

As cidades cresceram, os prédios subiram, os discursos se modernizaram. E os livros, Chanceler? Muitos ainda querem escrevê-los. Livros para pensar, impactar, questionar. Mas o medo cresceu. Medo do julgamento, do cancelamento, do silêncio. Dizem que é melhor agradar, melhor repetir, melhor calar. Resistir tornou-se inconveniente e o espetáculo da desigualdade ganhou novas luzes, mas mantém o mesmo enredo. O sonho do oprimido, infelizmente, ainda é sentar-se no lugar do opressor.

Talvez o senhor reconhecesse esse dilema. Afinal, o senhor também desafiou o óbvio, lutou e enfrentou o riso cético, o “não vai dar certo”, o desconforto da repetição. Hoje, escrever um livro que

incomode parece tão arriscado quanto fundar algo novo em um país que prefere o imprevisto ao planejamento, o espetáculo à reflexão.

Há quem desista antes de começar. Há quem enterre ideias junto com os próprios sonhos, dedicando-os ao esquecimento, como se jamais tivessem existido. E, no entanto, é isso que mais dói: não o fracasso, mas o silêncio autoimposto. A vida vivida no anonimato por medo de pensar alto demais.

Por isso, seu legado ainda ecoa, porque o senhor não se escondeu. Porque acreditou que educação, cultura e iniciativa podiam caminhar juntas. Por isso, em um mundo que tenta calar o que resiste, sua história lembra que construir também é um ato político, ético e humano.

Se hoje escrevo, é porque seus corredores ainda existem. Porque seus degraus ainda sustentam passos. Porque seus sonhos não aceitaram virar pó. Talvez o senhor se perguntasse se falhamos. Não creio. Prefiro pensar que estamos em travessia. Acredito na ideia de que desenvolvimento sem compromisso humano é crescimento vazio, acredito na noção de que educação é mais do que instrução: é possibilidade de escolha. Acredito em um mundo que se tornou mais rápido e, paradoxalmente, mais cego, para mim, essa lição permanece urgente.

Ao final do dia, Chanceler, seguimos descendo e subindo degraus. Alguns ainda acreditam que “não é problema meu”. Outros insistem em olhar ao redor, mesmo quando o cansaço pesa. É a esses que sua memória continua falando. Porque, apesar de tudo, ainda há quem creia que o progresso só faz sentido quando ninguém precisa viajar a vida inteira em pé.

Algumas ideias não explodem de imediato: vazam devagar, como gás invisível, até tomarem todo o ambiente. O problema nunca foi a falta de gás, mas quando ele se esgota antes da chama virar propósito. Continuamos vivendo cercados por discursos inflamáveis, em que basta um fósforo errado para que o gás social se transforme em incêndio, enquanto muitos seguem no piloto automático. Ainda assim, é preciso avançar, porque a esperança e a inquietação que impedem que a vida se apague antes de cumprir sua função maior: iluminar, provocar movimento e trazer mudança.

Com respeito e inquietação,

Isli Keyla de Oliveira

Jean Javarini



Prezado Edson Queiroz,

Escrevo-lhe de um tempo que o senhor não chegou a conhecer com os olhos, mas que continua profundamente marcado por suas ideias, suas decisões e seu espírito inquieto. Desde 1982, ano em que sua presença física nos foi abruptamente retirada, o mundo acelerou de uma forma que talvez nem os mais ousados visionários imaginassem. Ainda assim, ao observar o caminho percorrido, é impossível não reconhecer em muitos dos rumos atuais a semente de princípios que o senhor já cultivava: trabalho, coragem, inovação e compromisso com as pessoas. Vivemos hoje em um planeta conectado por fios invisíveis.

As cartas, como esta que escrevo, tornaram-se raras, quase um gesto de resistência. As mensagens viajam em segundos, atravessam oceanos sem papel, sem tinta, sem espera. A tecnologia transformou profundamente a maneira como nos comunicamos, trabalhamos, aprendemos e nos relacionamos. Temos acesso instantâneo à informação, mas, paradoxalmente, lutamos para encontrar sentido, silêncio e profundidade. Nesse cenário, escrever-lhe uma carta é também um convite à pausa, à reflexão e à memória. O Brasil que o senhor conheceu ainda buscava consolidar sua democracia, enfrentava desafios econômicos severos e carregava desigualdades históricas profundas. Hoje, continuamos enfrentando muitos desses dilemas, embora sob novas formas. Houve avanços importantes na ciência,

na educação e na ampliação de direitos, mas também surgiram novas crises: ambientais, sociais, emocionais. O mundo ficou menor, mas os conflitos parecem maiores. Nunca fomos tão próximos e, ao mesmo tempo, tão distantes uns dos outros.

A educação, campo ao qual o senhor dedicou parte essencial de seu legado, ganhou novos contornos. As salas de aula ultrapassaram paredes físicas. Universidades dialogam com o mundo inteiro em tempo real. O conhecimento deixou de estar restrito a bibliotecas silenciosas e passou a circular em telas luminosas, acessíveis a qualquer hora. No entanto, continua sendo um desafio transformar informação em sabedoria e tecnologia em humanidade. Nesse ponto, a Universidade de Fortaleza permanece como um símbolo vivo de sua visão: formar não apenas profissionais, mas cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com a transformação social.

O mundo do trabalho também mudou profundamente. Profissões surgiram e desapareceram em poucas décadas. Máquinas aprenderam a executar tarefas antes consideradas exclusivamente humanas. A inteligência artificial, tema recorrente de debates atuais, redefine limites éticos e práticos. Ainda assim, valores como responsabilidade, liderança e compromisso continuam insubstituíveis. Empresas que prosperam são aquelas que compreendem que o lucro não pode estar dissociado do impacto social. Essa compreensão, que hoje é pauta global, já estava presente em sua atuação empresarial muito antes de se tornar tendência. No cotidiano das pessoas, as mudanças são sentidas de forma intensa. As famílias se reorganizaram, os papéis sociais se transformaram, e as relações afetivas enfrentam novos desafios. Vivemos mais tempo, mas muitas vezes com menos

presença. A pressa tornou-se companhia constante. Em meio a tudo isso, cresce a necessidade de projetos que devolvam sentido à vida coletiva, que promovam cultura, arte e educação como caminhos de equilíbrio. Seu legado permanece atual justamente por compreender o ser humano em sua totalidade, não apenas como força produtiva, mas como sujeito de sonhos e fragilidades.

Também enfrentamos, hoje, uma crise ambiental sem precedentes. O desenvolvimento, por muito tempo associado apenas ao crescimento econômico, revelou seu custo elevado para o planeta. Mudanças climáticas, eventos extremos e escassez de recursos nos obrigam a repensar modelos de progresso. A visão empreendedora do futuro, que o senhor representava, hoje precisa caminhar lado a lado com a sustentabilidade e o cuidado com as próximas gerações. O futuro deixou de ser uma promessa distante e passou a exigir responsabilidade imediata.

Apesar de tantas transformações, algo permanece essencialmente igual: a capacidade humana de sonhar e construir. Ainda acreditamos que ideias podem mudar realidades, que educação abre caminhos e que o trabalho digno transforma vidas. Seu nome continua associado a essas crenças, não como uma memória distante, mas como uma presença que inspira. Cada estudante que atravessa os corredores da Unifor, cada projeto cultural que nasce sob o guarda-chuva da Fundação, carrega um pouco desse espírito visionário que o senhor ajudou a semear. Escrevo-lhe, portanto, não apenas para relatar mudanças, mas para agradecer. Agradecer por um legado que resiste ao tempo, que se adapta às transformações e que continua gerando frutos. Em um mundo marcado por incertezas, sua trajetória nos

lembra que é possível construir com ousadia e, ao mesmo tempo, com responsabilidade social. Que é possível empreender sem perder de vista o humano. Que é possível sonhar grande e agir com ética.

Se pudesse receber esta carta, imagino que o senhor a leria com curiosidade e senso crítico, atento aos desafios, mas confiante na capacidade de superação. Talvez reafirmasse que o futuro se constrói no presente, com escolhas diárias, muitas vezes silenciosas, mas profundamente transformadoras. É essa lição que permanece viva. Despeço-me com respeito e gratidão, certo de que sua ausência física foi incapaz de interromper a força de suas ideias. Elas seguem vivas, atravessando décadas, formando pessoas, inspirando caminhos e lembrando-nos de que o verdadeiro legado não está apenas no que se constrói, mas no impacto que se deixa nas vidas que se tocam.

Com estima e memória,

Um cidadão de um tempo que o senhor ajudou a tornar possível.

Jean Javarini

José Ailton Nascimento Diógenes Baquit



Dos homens e dos dias

Fortaleza, dezembro de 2025

Prezado Chanceler Edson Queiroz,

Escrevo-lhe para mandar notícias aqui dos trópicos, essa terra nada convencional, de espírito alegre, hospitalidade aberta, onde a vida é uma festa para poucos. Por aqui já se aproxima o Natal, e a cidade fica bastante iluminada à espera dos acontecimentos vindouros, nos quais habitam o sonho e a incerteza! É sempre esse duelo, essa coisa entre a sensatez e o absurdo, entre a ordem e o desconcerto, sinal de que algumas coisas permanecem no eixo das polarizações. No entanto, para não cair no pessimismo previsível, seguirei a rota daqueles que acreditam nos prenúncios da alvorada, período em que os homens se levantam e os gritos se reelaboram.

O senfor nos deixou quando o Brasil ensaiava a volta do regime democrático, que foi consolidado em 1989, com a eleição de Fernando Collor de Melo, o ‘Caçador de Marajás’. De lá para cá, uma certeza apodrecia a cada minuto, mas não impediu que as raízes de nossa democracia fossem revigoradas. Apesar dos inúmeros desafios, o Brasil entrou novamente na rota do desenvolvimento, com a inflação relativamente controlada; a saída do país do Mapa da Fome; a inserção

em blocos econômicos estratégicos; o incentivo à educação; e a reafirmação da nossa soberania frente aos ataques internacionais.

São muitas novidades no Brasil e no mundo, doutor Edson, mas preciso destacar um assunto que pode lhe despertar interesse: o avanço das novas tecnologias de comunicação. Somos agora um povo conectado, com tecnologia de rede sem fio, drones, inteligência artificial, telemedicina, bancos digitais, armazenamento em nuvem, educação a distância, notícias online, smartphones. O mundo em apenas um clique. É assim que caminhamos neste mundo globalizado, com impactos imediatos em qualquer parte do planeta, inclusive em nossa Terra da Luz, que sabe o valor e o legado de antecipar as vozes e os movimentos de um porvir distante.

Foi assim, com esse porvir no peito, que nos tornamos o maior cinturão digital público do Brasil, posicionando o estado como um *hub* de internet crucial para a América Latina e para o mundo; foi assim que alçamos Sobral ao topo da educação nacional, sendo modelo para o restante do país; foi assim que transformamos vento em energia e caminhamos, mais recentemente, para sermos protagonistas na produção de hidrogênio verde; foi assim, com esse espírito revolucionário, que também vimos a primeira mulher se tornar governadora do Ceará; foi assim, com essa sede veloz no coração, que conquistamos uma unidade do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) para o nosso território, sendo o primeiro do Nordeste e o segundo do Brasil.

Também somos um povo, doutor Edson, que se refaz e segue adiante sem, no entanto, esquecer o legado das inúmeras vozes que teceram a carne da nossa memória. José de Alencar, Patativa do Assaré,

Cego Aderaldo, Preta Simoa, Dragão do Mar, Belchior, Rachel de Queiroz, Jáder de Carvalho, Leonardo Mota, Antônio Sales, Frei Tito, Rosa da Fonseca. Gente ousada, que abriu caminhos, inverteu certezas e fincou um arado de esperança em nossa constituição, evocando nomes que amplificam a força de nossa insurgência: Lira Neto, Fausto Nilo, Maria da Penha, Amelinha, Ednardo, Socorro Acioli, Mailson Furtado, Silvero Pereira, Rodger Rogério. São nomes e nomes que construíram e constroem uma fortaleza no coração dos homens e das épocas.

E, por falar em força e solidez, outra Fortaleza segue a brilhar, erguida por entre sonhos, sangue e águas infinitas. É a Fortaleza da Praia de Iracema; do Estoril; da Ponte dos Ingleses; da Praça do Ferreira; da Barra do Ceará; e do velho Farol do Mucuripe, que reluz as boas novas: já somos a quarta maior capital do Brasil, com mais de dois milhões de habitantes; estamos literalmente interligados com o mundo através de investimentos em inteligência artificial e segurança de dados – conquistamos o primeiro Data Center da América Latina, um investimento na cifra de bilhões; e incentivamos práticas inovadoras de mobilidade urbana, com ciclofaixas e ciclovias, bicicletas compartilhadas, passe livre estudantil, bilhete único, integração do transporte público, revitalização de túneis e construção de linhas de metrô.

É assim que seguimos por aqui, doutor Edson, cheios de ousadia e esperança, apesar de todos os desafios, que são imensos: a misoginia, o racismo, a corrupção, o desemprego, a homofobia, a pobreza. No entanto, apesar dos obstáculos, somos muito pretensiosos, sabemos refazer estradas, seguir adiante... não desistimos a qualquer pedra

no caminho, pois, como disse o poeta, temos a força que liberta e o amor que vence o orgulho! E, se eventualmente formos surpreendidos pela injustiça ou pela ingratidão, não deixaremos de crer na vida e engrandecê-la pelo trabalho, como você enfatizou.

É, pois, com esse espírito otimista que encerro esta carta, na esperança de que os corações inquietos nunca parem de ecoar nesta terra onde lembrar é quase promessa; e que as boas novas possam germinar, hoje e sempre, no manancial dos homens e dos dias.

Com afeto e admiração,

José Airton Baquit



Entre o céu, o mar e a montanha

Fortaleza, Oitava do Natal de 2025

“Seu” Edson,

Ao invés do protocolar Senhor Chanceler, permita-me trato análogo ao daquele senhor anônimo, negociante de laranjas, na calçada do edifício Butano (*tô aqui por autoridade do finado, estes anos todos*). Bem ao estilo interiorano do “seu”, sinhá, dona, finado(a), *fulanos*, meu patrão, minha patroa... equiparados a títulos nobiliárquicos ou patentes militares. Será esta uma carta de mínimas interjeições e mais de indagações, restrita a aspectos pontuais da chamada pauta de costumes e a discretos ensaios de futurologia, dentro dos limites, ora em disputa judiciária, do nosso estado com o do Piauí. Recordo com emoção nosso último encontro na manhã daquele sábado de junho de 82, no Parque da Paz, quando da despedida coletiva das vítimas do desastre de Aratanha.

Demorou-se o velório, à espera de uma identificação genética dos despojos que afinal revelou-se impraticável. O triste noticiário do dia, impresso em *offset* no jornal e transmitido em *videotape* na TV. Em 44 anos, a rede mundial de computadores, acarretou, sem rodeios, o universo para a polpa de nossos dedos. Basta um leve

toque. Na área da saúde, produção de pinças robóticas destinadas a acessar e processar o íntimo dos organismos, ocupa no momento a cogitação dos nossos hospitais de ponta sobre a conveniência de se tornarem seus clientes. Tecnologia de DNA em áreas abrangentes da perícia criminal à manipulação paleontológica, passando pelas fertilizações *in vitro* e injeções invadindo o interior do citoplasma e de plasmas outros na reprodução assistida. Que dizer da impressão digital de dispositivos protéticos e de órteses, por impressoras em 3D? Admirável mundo novo. A realidade tornou-se em grande parte virtual. Um impacto calculado em 30 vezes o vigente no fim do passado milênio.

Ao término do 1º trimestre do novo ano, a Unifor deve formar sua 1ª turma de bacharéis em Inteligência Artificial. Pioneiramente germinada no país, a respeitável distância de muros claustrais intransponíveis, a exemplo dos vivenciados por si na pré-adolescência no Seminário da Prainha. Sabe aquele espaço que nenhum jornal dispensa de manter, em comemoração às suas datas redondas de edição: vinte, trinta, cinquenta anos depois...?

Foi dele que me servi para recapitular boa parte dessas inovações, preferencialmente voltadas ao cotidiano cultural de nossa realidade. Cenários cada vez mais panópticos. Exemplifico com dispositivo pegado ao acaso tendo por foco desvendar telemática de dados armazenados em nuvem. A privacidade dessa carta e tudo que a cercou durante a elaboração epistolar poderia ter escapado para um espaço recôndito, denunciado apenas pelos *flashes* destes brilhos de nuvem que (nos ensina a malícia política mineira) mudam de forma conforme sopra o vento, porém, com presença rastreável a cada

instante. O dispositivo para resgatá-los? Tecnologias mossadianas com as quais não tenho a mínima intimidade, eis por que declino de detalhá-las. Sem contudo eximi-lo do pedido de resposta certa.

O *campus* da Unifor tornou-se uma dádiva histórica para a cultura cearense: o parque em si, as exposições e as apresentações, o acervo recapitulado, dos outeiros literários à computação gráfica, emulando com o das duas universidades públicas em Fortaleza (Pici e Itaperi). E os bairros no entorno concomitante de água fria e muito sal: Guararapes, Luciano Cavalcante, o Parque do Cocó e... o Edson Queiroz?

Lembro-me bem do contexto particular inspirador da aparição da Universidade de Fortaleza, bem a leste do éden corográfico da capital do Ceará, uns terrenos de salgados semi-ermos até pouco. Estagiava no setor de publicidade do Sistema Verdes Mares, recém-egresso de um curso de desenho gráfico.

Sim, interrogar pode ser mais relevante do que responder possa ser intrigante. O senhor lembra da Torquata, a migrante portuguesa a quem o senhor deu acolhida firme (*non-chancellante*)? Apareceu em nosso sítio no Catu, pilotando o seu fusca verde desde a vizinha Riviera, numa semana santa, fins da década de 90.

O calvário de cientista da Torquata, ai...ai...ai: Bolsa de pesquisa - glossário de espécimes botânicas comuns ao Ceará e à Guiana Francesa – projeto Villes jumelles; Especialização - Emprego da *Armoracea sativa* nas distrofias musculares tipo cintura; Mestrado: Componente emocional dos reflexos abdominais superficiais.

Ma belle soeur est morte, assim, questionada por tutor de Quebec, houvera de justificar-se a 2ª *Chancelleuse*, pela abstinência de viagens

de recreio ao exterior, pelo lapso de um ano de luto pela cunhada. Sem chance de Ohio para a então bolsista do PIC. Por aqui, já podemos modestamente acessar de metrô o aeroporto. Iniciativas para depurar de fósseis o meio ambiente, ao lado da micromobilidade e da tecnologia de baixo carbono. E não falei do crescente interesse despertado pelo turismo funerário em voga atualmente: é preciso reservar, com mês de antecedência, vaga para *tours* noturnos por entre os túmulos do São João Batista. Modalidade completamente ignorada nos anos 60, pulverizadores de tabus. Lá consta em pedra: Pascoela Torquato, mártir. Inovações no setor de informações e contra-informações aptas a inviabilizar sua dissertação. A candura do auditor interno, figura episcopabilíssima, angelicamente empenhado em captar e passar adiante informes sigilosos do desempenho magisterial. Dê ciência disto às *chancelleuses*, criaturas acolhedoras, o mesmo digo do seu sucessor no comando do Grupo.

A legítima inquietação científica da mestranda despertou adversidades, culminando com suspensão da docência, rescisão do contrato de trabalho e, como pena acessória, o ressarcimento dos valores percebidos, a título de bolsa de pesquisa, da entidade financiadora do projeto. Como não dispunha de recursos para tanto, foi parar no Serasa. Em torno de uma garrafa de Calvados, presente agraciado de Pascoa, destilou *lato sensu* suas mágoas pós-graduandas. Não me sobrou outro caminho senão assumir sua defensoria autodativa. A verdadeira montanha (Baturité) acaba de ser elevada à décima diocese desse nosso Ceará, 40% menos católico de quando nos seus dias de aluno no seminário da Prainha (postei sua foto de batina lá).

Aqui da janela, toda noite vejo crescer a *Torre Geneve*, rumo às neves eternas. Cogita-se de transformar o zoo municipal de Fortaleza numa escola de meio ambiente e o *post* é muito expressivo: o cenho carregado de preocupação de um macaco guariba, espécie ameaçada de extinção remanescente na Apa do Covão (Granja) e na reserva de Serra das Almas (bacia do Poti).

Olhe que não duvido, neste 2º evandrato, dos compêndios de química e de biologia do velho liceu: 1) *No universo, como na intimidade do átomo, impera o vazio* e 2) *no espaço submolecular, na água dos mares, reside a instância primeira da vida...* E por aqui vou ficando; por falta de espaço, aos costumes pouco disse. Estamos juntos por aí no que ainda estiver por vir...

José Fonteles





Caro Chanceler Edson Queiroz,

Relutei muito em escrever essa carta. Não sabia muito bem o que dizer, tendo em vista que você partiu antes mesmo que eu nascesse e que o mundo que você conheceu durante toda a sua vida era muito diverso do que temos hoje.

Então, fui em busca das coincidências entre as nossas histórias, para que eu pudesse compreender melhor os nossos pontos de ligação. Temos alguns! Quatro dias antes de você falecer, meus pais ficaram noivos, em São Paulo. Eles se casariam dali a seis meses e eu nasceria em outubro do ano seguinte. Minha mãe morava bem pertinho do aeroporto de Congonhas e o meu pai trabalhou no restaurante de lá. Minha avó também foi cozinheira da Vasp, a empresa na qual o senhor fez sua última viagem.

Depois de alguns anos, vim morar no Ceará e fui impactada pelo legado das empresas que o senhor fundou, que passaram a fazer parte da minha vida. Claro, usávamos o Gás Butano na nossa cozinha. Diferente do carro do gás de São Paulo, que tinha uma música anunciando sua chegada, aqui era um sino. Fecho os olhos, imagino o som estridente e relembro quando eu e meu meu irmão fazíamos bagunça em casa, gritando, por conta do carro do gás.

Em nosso primeiro apartamento em terras cearenses, nosso primeiro fogão também foi um Esmaltec. Pelo que me lembro, era de cor marrom, para combinar com a nossa geladeira Prosdócimo.

Mas, voltando ao que de fato importa, as grandes transformações pelas quais o mundo passou nos últimos 43 anos. Do ano 1982 até hoje, aconteceram tantas mudanças! Uma delas foi a popularização do telefone. Antes, apenas as pessoas mais ricas tinham um aparelho em casa; até o fim dos anos 1990, em quase toda residência havia um telefone fixo. Digo fixo porque, no início dos anos 1990, também surgiram os telefones celulares. São aparelhos que cabem na mão e podem permitir que as pessoas conversem de qualquer lugar. Hoje, os telefones deram lugar aos smartphones e, além de falar, fazemos vídeos e ainda podemos conversar por vários aplicativos, fazer projetos, trabalhar. Nunca foi tão fácil localizar uma pessoa ou fazer qualquer tipo de serviço a distância.

Os meios de comunicação, que sei que eram uma das suas grandes paixões, também passaram por muitas mudanças. Atualmente, podemos escolher entre milhares de filmes e séries, de todos os lugares do mundo e sem os comerciais. O grande entretenimento hoje, nas casas, são os serviços de streaming, uma espécie de locadora de filmes gigante e virtual. As televisões continuam com seu espaço na programação das pessoas, mas de forma diferente, com programas mais regionais e com a cara das pessoas.

Com essa intenção de trazer mais personalidade e a pegada cearense para a televisão, existe, no seu conglomerado de comunicação, a TV Diário, que chegou a ter um sucesso tão grande que fez concorrência para as grandes emissoras do centro-sul do país. Acredito que o senhor

ia ficar orgulhoso com esse trabalho. Era capaz de assistir de pertinho a gravação das Garras da Patrulha e rir das presepadas do Coxinha, entre outros personagens icônicos.

O seu jornal Diário do Nordeste, veja só, hoje não é mais veiculado em papel; adaptou-se aos novos tempos e passou a ser totalmente online.

Aproveito para agradecer porque foi nesse veículo, que o senhor considerava a sua menina dos olhos, que eu aprendi a maior parte do que sei de jornalismo. Todos os dias, via o seu enorme retrato assinando o primeiro exemplar do Diário, registro do grande Tuno Vieira, o Antônio Carlos, que também já foi para o céu.

Escrevendo essa carta, fico imaginando qual seria a sua reação ao ver essas mudanças na forma de fazer jornalismo e televisão. Hoje, está tudo integrado em uma redação só. TV, rádio, jornal, portal de notícias. Os novos tempos pedem velocidade. As notícias envelhecem rápido. Foi preciso se adaptar.

No entanto, desconfio que de todas essas mudanças, certamente a que causaria o maior impacto seria a grande doença que se abateu no mundo inteiro - a pandemia de Covid-19. Passamos quase dois anos reclusos, e essa pandemia nos obrigou a convivermos novamente em família, porque fomos obrigados a ficar o dia inteiro juntos. Com isso, para alguns, a união foi maior. Também aumentaram bastante os índices de divórcio. Nunca mais fomos os mesmos.

Depois desse aperreio, ainda estamos reaprendendo a viver. A ansiedade que, talvez, no seu tempo, fosse coisa restrita a pequenos grupos de pessoas, hoje é um dos grandes males do século. É raro

encontrar alguém que não tome remédio para se acalmar ou que não conheça alguém que sofra desse mal.

Depois de tantas notícias, umas boas e outras nem tanto, encerro essa missiva dizendo que gostaria de ter encontrado com o senhor nos corredores do Sistema Verdes Mares. Quem sabe olhando a impressão do jornal! Eu também tinha um fascínio por esse processo barulhento, mas fazia questão de pegar meu exemplar quentinho com matéria assinada para guardar de lembrança na minha pasta de recordações.

Me despeço grata pelo legado que o senhor construiu e que me atingiu de forma irreversível.

Cordialmente,

Kelly Garcia

Ludmila Raquel Karino Tavares



Prezado Edson Queiroz,

Escrevo-lhe atravessando o tempo, como quem escreve não apenas a um homem, mas a uma ideia de futuro. Desde sua partida, em 1982, o mundo mudou de forma vertiginosa. Mudaram as tecnologias, os modos de produção, as formas de comunicação e de ensinar. Mas escrevo, sobretudo, para lhe contar sobre mudanças mais lentas, mais difíceis e, talvez por isso mesmo, mais profundas: aquelas que dizem respeito à vida das meninas e das mulheres e às leis que passaram a reconhecer, ainda que tardiamente, suas dores, seus direitos e sua humanidade.

Quando o senhor nos deixou, a violência contra mulheres e meninas era, em grande medida, tratada como assunto privado. A lei pouco nomeava aquilo que acontecia dentro das casas, nos corredores das escolas, nos trajetos cotidianos. O estupro conjugal sequer era reconhecido como crime. A palavra “violência doméstica” quase não existia no vocabulário jurídico. O silêncio era a regra, e a culpa, quase sempre, recaía sobre quem sofria a violência.

Ao longo dos anos de sua ausência física, mulheres começaram a romper esse silêncio. Primeiro timidamente, depois com mais força, apoiadas por movimentos sociais, pesquisadoras, educadoras, juristas, estudantes, muitas delas formadas em universidades que, como a que o senhor idealizou, apostaram no pensamento crítico

e na formação cidadã. A legislação brasileira, pressionada por essas vozes, começou a mudar.

Em 2006, foi sancionada a Lei Maria da Penha, um marco histórico no enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher. Pela primeira vez, o Estado brasileiro reconheceu que a violência sofrida dentro de casa não era um problema individual, mas estrutural; não era fraqueza, mas violação de direitos humanos. A lei passou a prever medidas protetivas, responsabilização do agressor e políticas públicas de prevenção. Ainda insuficiente, ainda desafiada por práticas machistas, mas fundamental por nomear aquilo que antes era invisível, que ninguém “metia a colher”.

Anos depois, em 2015, o feminicídio foi tipificado como crime. Dar nome à morte de mulheres pelo fato de serem mulheres foi um passo doloroso, mas necessário. O Estado passou a reconhecer que muitas mortes não eram acidentais, nem passionais, mas resultado de uma cultura que naturaliza o controle, a posse e a violência sobre os corpos femininos. Cada artigo dessa lei carrega o peso de vidas interrompidas, muitas delas ainda meninas.

Outras legislações surgiram para enfrentar violências que, por muito tempo, foram tratadas como menores, inevitáveis ou invisíveis. A importunação sexual passou a ser reconhecida como crime, nomeando experiências cotidianas de mulheres e meninas que aprendem cedo a sentir medo no caminho de casa, no transporte público, nas ruas. A violência psicológica deixou de ser vista como algo subjetivo ou exagero, e passou a ser compreendida como uma forma profunda de agressão, capaz de destruir a autonomia, a autoestima e o sentido de si. A divulgação não consentida de imagens íntimas, prática

que expõe, humilha e silencia, sobretudo meninas e jovens mulheres, passou a ser enfrentada como violação de direitos, especialmente em um mundo cada vez mais mediado por telas, algo ainda muito distante de quando o senhor estava entre nós.

A violência política de gênero também foi nomeada, reconhecendo que mulheres não podem ser afastadas da vida pública por meio do medo, da desqualificação ou do ataque à sua dignidade. No campo da proteção de meninas, a legislação avançou ao reconhecer o abuso e a exploração sexual como violências graves, exigindo do Estado não apenas punição, mas cuidado, escuta e responsabilidade. Cada uma dessas conquistas nasceu de vozes que se recusaram a permanecer caladas. Nenhuma dessas leis surgiu por acaso; todas carregam histórias de dor transformadas em direito. Essas leis mudaram a vida das mulheres? Sim. Mas mudaram de forma desigual.

Para muitas meninas, sobretudo as mais pobres, negras, periféricas, a violência ainda acontece cedo demais. O acesso à justiça continua atravessado por desigualdades. A denúncia ainda cobra um preço alto. A revitimização persiste. A distância entre a letra da lei e a vida concreta ainda é grande.

Ainda assim, algo essencial se transformou: hoje, meninas crescem em um país onde a violência tem nome jurídico, onde existem leis que afirmam, ao menos no papel, que seus corpos não são território livre para a violação. Crescem em um tempo em que podem aprender, na escola e na universidade, que aquilo que sofreram não foi culpa delas. Que existe linguagem para a dor. Que existe direito à proteção.

É aqui que a educação, mais uma vez, se revela central. As leis não se sustentam sozinhas. Precisam de interpretação, de formação, de consciência crítica. Precisam de profissionais sensíveis, de pesquisadores comprometidos, de professoras e professores atentos às desigualdades de gênero. Precisam de universidades que formem não apenas técnicos, mas cidadãos.

Não sei se, quando o senhor idealizou a Universidade de Fortaleza, imaginou todas essas transformações. Talvez pensasse no desenvolvimento, na formação de profissionais, no futuro econômico da região. Mas, ao longo dos anos, foram sobretudo mulheres que atravessaram esses espaços de ensino carregando expectativas, medos e desejos. Muitas foram as primeiras de suas famílias a chegar à universidade; outras encontraram ali palavras para nomear violências antes silenciosas, ou ferramentas para romper ciclos de dependência e submissão. A educação superior não resolveu todas as desigualdades, eu sei, mas ampliou horizontes, fortaleceu a autonomia e permitiu que meninas e mulheres passassem a se enxergar como sujeitas de direitos. É nesse efeito menos visível, que acontece nas trajetórias individuais, nas escolhas cotidianas e na possibilidade de imaginar outros futuros, que percebo a força mais profunda do seu legado.

Talvez o senhor reconhecesse, neste tempo, que o progresso verdadeiro não se mede apenas por índices econômicos, mas pela capacidade de uma sociedade proteger suas infâncias, ouvir suas mulheres e transformar dor em política pública, silêncio em direito, exclusão em acesso ao conhecimento.

Seguimos vivendo contradições. As leis avançam, mas a violência resiste. Ainda assim, cada menina que aprende que tem direitos,

cada mulher que encontra respaldo jurídico para romper um ciclo de violência, cada estudante que transforma sua experiência em pesquisa, é também fruto de um legado que apostou na educação como força transformadora.

Escrevo-lhe, portanto, não apenas para relatar mudanças, mas para afirmar continuidades: a crença de que o futuro se constrói com investimento em gente, em pensamento, em justiça social. E para que meninas e mulheres, antes invisíveis para a lei, possam ainda que com luta, estar no centro das discussões sobre cidadania, dignidade e democracia.

Com respeito à sua memória e compromisso com o tempo presente,

Esperança Equilibrista

P.S.: Talvez o senhor se pergunte como cheguei até aqui, escrevendo-lhe desde o centro do país. Sou neta de nordestinos que atravessaram estradas para erguer a nova capital, levando nos corpos o cansaço e a esperança de um futuro possível. Seu nome chegou até mim como aposta na educação. Hoje escrevo como professora, pesquisadora e mulher em retomada étnica. É assim que reconheço seu legado: espalhado pelo país, inscrito em trajetórias que seguem acreditando que o conhecimento também constrói chão.

Ludmila Raquel Tavares





Prezado Chanceler Edson Queiroz,

Hoje, resolvi dar uma parada do corre-corre e deixar os pensamentos correrem, em especial os da recordação. Eles nos fazem viajar sem que a gente tenha que arredar o pé.

Então recortei o ano de 1978 e seguintes, para não descortinar um universo que não caberia nesta carta, talvez num livro... mas não é esse o propósito.

Fui *office-boy*, assim está escrito na minha CTPS, mas a gente era chamado de ‘contínuo’ mesmo. Trabalhava numa empresa de Auditoria Independente, denominada Price Waterhouse Auditores Independentes, uma multinacional com matriz em São Paulo e filiais em 13 estados brasileiros. Cansei de decifrar feliz esse verso, quando perguntado onde trabalhava. Ela prestava serviços para as suas empresas e me fazia sentir como se eu também trabalhasse para o senhor.

O senhor lembra, seu Edson? Ela funcionava ocupando todo o nono andar do edifício Butano, de sua propriedade, onde, aliás, também funcionava a administração central de suas empresas, sendo a Norte Gás Butano, a mais famosa.

Por vezes, tive o privilégio de “viajar” junto ao senhor, notadamente um passeio curto e obrigatório, mas necessário, já que nos encontrávamos, vez em quando, no elevador do prédio.

Eu, durante o trajeto, não havia muito como ser gentil, não havia uma porta para eu abrir, uma cadeira para eu ceder. Mas quando era com a família, buscava espremer-me no cantinho, para sobrar mais espaço no elevador.

O senhor lembra, seu Edson: a Rua Major Facundo, sede do ed. Butano, do Centro da cidade, era a mais glamorosa de Fortaleza. Depois, a Praça do Ferreira, o Cine São Luiz, o Cine Fortaleza, a Farmácia Oswaldo Cruz, a loja de roupas masculinas Milano, os cartórios de registro de pessoas naturais, destacando aqui o João de Deus, onde tenho assento de nascimento, o Hotel Savannah, a loja de tecidos Casa Blanca... ah, quanto glamour!

Mas, hoje, seu Edson, está tudo muito mudado, alguns desses empreendimentos no Centro ainda existem, nem vou enumerá-los, porque são poucos, mas é que o Centro perdeu o seu encanto. O senhor ainda alcançou o primeiro *shopping center* de Fortaleza, que foi o *Center Um*, em novembro de 1974, recém-inaugurado pelo seu genro, Tasso Jereissati. E depois o senhor também conheceu o Iguatemi de Fortaleza, inaugurado em abril de 1982. Pois aquilo com que o senhor conviveu é a nossa realidade hoje, nas terras alencarinas, vieram tantos outros *shoppings* para Fortaleza!

Eu costumo dizer, seu Edson, que o senhor foi a alavanca de desenvolvimento em nosso Estado. Nós deixamos de ter só a enxada, o gibão de couro, o balaio de pesca, apetrechos de identidade cultural que muito nos orgulham, para avançarmos e despontarmos com o segmento da indústria nacional. Isso já é público e notório.

O que eu quero ressaltar, seu Edson, é um outro aspecto da sua trajetória. O Senhor viveu e era um jovem de 20 anos,

quando testemunhou um fato histórico mundial, que com certeza o inspirou. Ei-lo:

A Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada oficialmente em 1945, um mês logo após o término da segunda guerra mundial, quando a importante Carta de sua criação foi ratificada pela China, França, União Soviética, Reino Unido, Estados Unidos e por maioria de diversos outros signatários, incluindo o Brasil, e atualmente é composta por 193 Estados-Membros.

Um dos marcos da ONU foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III), em 10 de dezembro de 1948.

Sobre a Declaração, destacamos um de seus trechos, para situarmos os seus objetivos: “A Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, esforce-se, por meio do ensino e da educação, para promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Países-Membros quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição”.

Seu Edson, em março de 1973, 28 anos após a proclamação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o senhor presenteia o povo cearense com a inauguração da Universidade de Fortaleza – Unifor, ratificando a Magna Carta por meio do ensino e da educação, proporcionando a promoção do respeito a esses direitos e liberdades.

Olha, seu Edson, o legado que o senhor deixou constituiu-se em um celeiro de mentes que muito contribuiu e contribui para o desenvolvimento do nosso Estado, da nossa Região, do nosso país e, hoje, do mundo multipolar.

Multipolar? Ah, seu Edson, deixa eu lhe explicar: o planeta, quando o senhor nos deixou, era economicamente bipolar, que era de competição dos EUA e URSS. Isso foi na época da guerra fria. Eu soube, pela boca do povo, que o senhor, família que era, acompanhou a D. Yolanda para um tratamento de saúde e, nas horas vagas, ajudou a um comerciante de lá a se desenvolver a partir de sua experiência e criatividade. Bom, mas isso aí já é outra história.

Depois, em 1991, com a dissolução da União Soviética e o fim da guerra fria, esse evento marcou o fim da ordem mundial bipolar, advindo a ordem multipolar. Mas, rapidamente, nos anos noventa, ainda apareceu uma nova ordem mundial com outros polos econômicos e políticos, que ganharam força, como a União Europeia e o Japão. Nas décadas seguintes, houve a ascensão da China e o fortalecimento de economias emergentes (BRICS: Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul) e a influência de outros países, que consolidaram a multipolaridade, com uma mistura de influência militar unipolar (EUA) e econômica multipolar.

Desculpe, eu falei tanta coisa. Não, seu Edson, não se preocupe com isso não, suas empresas estão consolidadas, adequaram-se a tudo isso. O Grupo Edson Queiroz é uma das maiores *holdings* multissetoriais do Brasil. Ele se destaca por seu tamanho, faturamento e liderança de mercado em diversos segmentos.

Voltando ao assunto, seu Edson, eu estava falando era mesmo da educação. Quero lhe dizer que o senhor me conheceu aos 15 anos. Hoje, estou com 62 anos, formado em Direito na UNIFOR, com família estabelecida, e também mulher e filhos formados e trabalhadores, em tudo dando graças a Deus que está aí, bem pertinho do senhor. Mando um abraço pra Ele.

Sua visão empreendedora não esqueceu a Educação. O senhor foi um visionário do empreendedorismo educacional, dentro dos ditames da Carta Universal dos Direitos Humanos. A Universidade de Fortaleza vai muito bem, tem um conceito nacional de excelência como uma das melhores universidades particulares do Brasil, sendo consistentemente a melhor do Norte e Nordeste.

Sem mais, vou terminar, enviando um saudoso abraço. Muito obrigado.

Luiz Carlos Canuto



Marcela da Silva Lira Correia



Carta ao Chanceler do Amanhã

Cabo de Santo Agostinho, 17 de dezembro de 2025

Excelentíssimo Chanceler Edson Queiroz,

Escrevo-lhe não como quem envia notícias ao passado, mas como quem presta contas a um futuro que o senhor ajudou a desenhar. Enquanto as ondas do mar de Fortaleza continuam a bater na Praia de Iracema, com a mesma rítmica insistência de 1982, o mundo do lado de cá das dunas transformou-se de formas que desafiariam até a sua mais audaciosa visão de pioneiro.

Cresci ouvindo que “o estudo te tira daqui”. Essa frase, dita por uma mãe exausta em uma casa de tijolos aparentes, era a repetição de uma promessa que o senhor fez ao Ceará ao fundar a Universidade de Fortaleza. Mas, para que o estudo nos tirasse de algum lugar, alguém precisava ter colocado uma ponte ali. Uma dessas pontes criadas foi a Unifor. Naquele tempo, o senhor movia o estado através das ondas da Rádio e TV Verdes Mares; hoje, essas ondas tornaram-se invisíveis e infinitas. Saímos da era analógica para um mundo onde a informação cabe na palma da mão, e a inteligência, agora chamada

de artificial, tenta mimetizar o brilho do olhar humano, apenas tentando se conseguir.

O senhor se orgulharia de saber que a Nacional Gás, que levava o fogo para a cozinha das famílias brasileiras, agora convive com um mundo que busca a energia do sol. Eu mesma, aquela menina que corria descalça no chão de terra e via o sol alaranjado desenhar sombras em casas inacabadas, hoje carrego meu carro na tomada e colho eletricidade do meu próprio telhado. É uma evolução natural do seu espírito empreendedor: o senhor iniciou o ciclo de prover energia; nós agora refinamos esse ciclo para que o sol continue a tocar o mar sem ferir a natureza que tanto amamos. Mas, Chanceler, a energia mais potente que recebi do seu legado não foi a elétrica, nem a do gás; foi a da coragem.

A coragem de ser a primeira.

O senhor foi o primeiro em tantos negócios, e eu, inspirada por esse espírito, fui a primeira da minha linhagem a segurar um diploma universitário. A coragem que o senhor teve de erguer um campus onde só havia mato foi a mesma que precisei para vencer a ansiedade, a rejeição e a descrença de quem dizia que “gente como nós” não chegaria lá. O senhor transformou o cenário do Ceará; a educação que o senhor fomentou transformou o cenário da minha alma.

Hoje, sou escritora. Escrevo versos para acalmar corações ansiosos e romances que narram as “raízes de ferro e asas de papel” de tantas outras mulheres como eu. Uso as palavras para construir refúgios, assim como o senhor usou o aço e o vidro para construir progresso. Sinto que minha caneta é, de certa forma, uma extensão da sua visão: ambas buscam dar dignidade ao nosso povo. Se o senhor

foi o arquiteto das estruturas, permita-me ser, humildemente, uma das poetas que narram a alma do povo que habita essas estruturas.

A sua ausência física é preenchida, todos os dias, pelo som dos passos dos alunos que cruzam a Unifor e pelo sucesso das empresas que sustentam milhares de lares. Se o senhor pudesse me ver agora, veria que a “pedra fria no peito” que a vida difícil me deu foi lapidada pela educação e transformada em obra.

Obrigada, Chanceler, por acreditar que o conhecimento era o mar onde todos nós deveríamos aprender a navegar. O senhor partiu antes de ver o mundo digital, mas o seu legado é o algoritmo mais perfeito que o Ceará já conheceu: aquele que multiplica oportunidades e soma esperança. O senhor não está aqui para ver os carros elétricos ou a inteligência artificial, mas está presente em cada página que escrevo e em cada vida que a educação transformou.

Com profunda admiração e eterna gratidão de uma filha do seu legado educacional,

Marcela Correia



Maria Ivone Araújo Dias Cristino



Cascavel, 8 de dezembro de 2025

Excelentíssimo Chanceler Edson Queiroz,

Não sou homem de vaidades, mas trago acesa no peito uma centelha de orgulho por ter nascido na cidade de Cascavel. Ser contemporâneo e conterrâneo de Vossa Excelência mudou minha sorte, livrou meu destino de ilusões e apontou-me os rumos da decência e do trabalho.

Nunca o encontrei pessoalmente, mas o sentimento de admiração pelo visionário que, há quase sessenta anos, ousou levar uma grande indústria a uma pequena cidade do Ceará, transformando a vida de tanta gente, acompanha-me todos os dias. Trabalhar na empresa Cascaju foi o início de minha redenção. A partir de então, encontrei a dignidade e o respeito que me foram negados durante a infância e a juventude.

Uma lembrança viva que não me abandona é a daquele dia 8 de junho de 1982, quando ouvi pelo rádio do carro a trágica notícia de um desastre de avião ocorrido na madrugada. Neguei-me a acreditar que, entre as vítimas estava um dos maiores benfeitores de nosso Estado. Os cearenses perderam um líder, um farol, um guia. Um homem bom. O luto foi de todos nós.

Muita coisa mudou neste mundo desde sua partida. Vivemos alegrias e dores, assistimos a transformações inimagináveis. O Ceará desenvolveu-se, tornando-se uma das mais pujantes economias do Nordeste. Acredito que seu exemplo e seu legado contribuíram muito para esses avanços. Nossas crianças têm mais acesso à saúde e à educação, o turismo cresceu assustadoramente e a economia se diversificou. Agora o Estado exporta inúmeros produtos para os Estados Unidos, Europa e China. Exportamos até redes, o que renova minha esperança no futuro da humanidade.

Por outro lado, cresceu também a violência, não só aqui, na Terra da Luz, mas no mundo inteiro. O medo, as guerras, a fome, a desigualdade social e a crueldade grassam entre nós, desafiando os esforços dos homens de boa vontade. Sim, eles ainda existem e não correm da luta, mas têm enfrentado duras batalhas. A natureza tem sofrido e reagido às constantes agressões de aventureiros, cegos pela cobiça.

Porém, a mais impactante de todas as mudanças nos últimos anos foi a forma de comunicação entre as pessoas. Não se escrevem mais cartas aos amigos e os Correios amargam prejuízos bilionários, havendo quem defenda sua privatização. Os telefones fixos foram substituídos por aparelhos chamados “celulares”, que são usados para tudo na vida: fotografar, filmar, ouvir músicas, assistir a filmes, pagar contas, conversar com os outros através de mensagens escritas ou gravadas... Servem até mesmo para praticar crimes. Eu, que nem sei bem manuseá-los, já caí em alguns golpes aplicados por meio desses aparelhinhos poderosos.

Paradoxalmente, num mundo onde a facilidade de comunicação se disseminou, nunca foi tão difícil prostrar, acolher, cuidar, compreender, perdoar, amar. Os mais jovens parecem zumbis vagando por aí, os olhos acorrentados às telas.

Quase como um sinal misterioso a nos lembrar que a vida é um sopro, atravessamos, entre os anos de 2020 e 2022, um cenário aterrador: o aparecimento de um vírus mortal, chamado pelos cientistas de “coronavírus”. A praga se espalhou por todo o mundo e matou milhões de pessoas. Ficamos confinados em casa durante meses a fio, lutando contra o medo e a dor de perder pessoas queridas. Todas as noites a televisão, num ritual macabro, atualizava o número de mortos, que crescia a cada dia. Minha esposa, muito religiosa, dizia que era o final dos tempos. E para ela, infelizmente, foi o final do seu tempo neste mundo. Perdi o amor da minha vida, minha companheira por mais de sessenta anos. Era a melhor parte de mim. Desde então vivo despedaçado, cheio de saudades.

Hoje completo noventa anos. Nasci no dia da padroeira de nossa cidade. E por ela sou abençoado. Tento me manter ativo, mas a memória começa a falhar. Por vezes uma névoa envolve meus pensamentos, troco o nome dos filhos, confundo netos e bisnetos. No entanto, ainda encontro momentos de felicidade nessa travessia. Certos períodos de minha vida são inesquecíveis. Gosto de recordar o desafio que foi cursar a Faculdade de Direito da Universidade de Fortaleza, no início da década de 1990. Homem maduro, já com mais de cinquenta anos, realizei o clássico e aparentemente inatingível sonho de meus pais: “ter um diploma de doutor.” Vem-me agora à

memória um verso de Patativa do Assaré, que cumpria o belo destino que lhe deu Nosso Senhor:

“Eu nasci pra sê vaquêro, Sou o mais feliz brasilêro, Eu não invejo dinhêro, Nem diploma de dotô.”

Muito mais do que um diploma, o curso de Direito da Unifor expandiu meus horizontes, deu-me uma formação sólida e humanística, e novamente a vida costurou trechos do meu caminho ao precioso legado deixado por Vossa Excelência. Mistérios de nossa existência.

A esta altura da caminhada, resta-me a confortável rotina dos dias calmos. Tenho o hábito de ler velhos jornais, que guardo cuidadosamente em uma gaveta da cômoda do quarto de dormir. Na manhã de hoje deparei-me com um exemplar do Diário do Nordeste, quando ainda circulava em versão impressa. Procuro no cantinho da página e releio aquela sua frase: “Se algum dia vocês forem surpreendidos pela injustiça ou pela ingratidão, não deixem de crer na vida, de engrandecê-la pela decência e construí-la pelo trabalho.” E sinto-me pronto para enfrentar um novo dia.

Sinceramente grato,

Gerardo Xavier da Cruz (Maria Ivone Cristino)

Maria Rita Vitória Soares da Silva



Prezado Edson Queiroz,

Escrevo esta carta como quem escreve para agradecer, mas também para reconhecer. Reconhecer que algumas oportunidades mudam destinos inteiros, mesmo quando a gente ainda não sabe colocar isso em palavras.

Por meio de uma bolsa integral no curso de Marketing, tive acesso a algo que vai muito além de uma sala de aula. Estudar não é apenas aprender uma profissão — é sentir que alguém acreditou em você antes mesmo de você conseguir acreditar totalmente em si mesmo.

Vivenciar o ambiente educacional de forma próxima me fez enxergar a instituição por dentro. Vejo o esforço diário de pessoas que mantêm este espaço funcionando e, ao mesmo tempo, sinto-me parte de um projeto maior, que valoriza educação, cultura e crescimento humano. Essa vivência me ensinou que oportunidades verdadeiras não são favores: são pontes.

Ao escrever, penso também em sua trajetória, Sr. Edson Queiroz. Empresário visionário, o senhor construiu caminhos com trabalho, determinação e coragem, sempre acreditando no potencial das pessoas e no desenvolvimento do Ceará. Sua vida é marcada pelo empreendedorismo, pelo compromisso com a educação e pela capacidade de transformar desafios em oportunidades para todos ao seu redor.

Sua visão sobre educação continua viva em cada bolsa concedida, em cada estudante que permanece e em cada pessoa que cresce junto com a instituição. A Fundação que leva seu nome não apenas preserva sua memória — ela a transforma em ação concreta todos os dias.

A literatura permite expressar aquilo que às vezes não cabe em relatórios, números ou discursos. Escrever esta carta é um gesto de gratidão, mas também de consciência: a consciência de que histórias como a minha existem porque alguém, um dia, decidiu investir em pessoas.

Espero que esta carta represente não apenas uma voz individual, mas a de muitos que tiveram suas trajetórias transformadas pela chance de aprender, crescer e sonhar.

Com respeito e profunda gratidão,

Maria Rita Vitória da Silva



Prezado Edson Queiroz,

Escrevo-lhe em tempos em que a sorte ganhou endereço eletrônico, prazo de validade e regulamento em letras miúdas. Hoje, ela chega por meio de sorteios, promoções e concursos que piscam na tela do celular enquanto o dia segue apressado. A esperança, antes lançada ao vento, agora depende de cliques, cadastros e confirmações por e-mail.

A sorte mora no bolso. Vibra no celular, atravessa a internet, corre pelos cabos invisíveis que ligam computadores e notebooks ao mundo. Basta um toque na tela para participar: nome, CPF, e-mail, aceitar termos, compartilhar em rede social. O preço do sonho, muitas vezes, é apenas a atenção — e a expectativa que se instala depois.

Vejo pessoas calculando probabilidades como quem reza. Cada número da sorte vira promessa, cada concurso uma possibilidade de respiro. Um celular novo, um computador melhor, um notebook que facilite o trabalho ou o estudo. Prêmios que parecem simples, mas que, para muitos, significam acesso, dignidade, conexão com oportunidades que antes estavam distantes.

As redes sociais transformaram a sorte em espetáculo. Curtir, comentar, marcar amigos virou ritual moderno, quase superstição digital. O e-mail é conferido com ansiedade, a caixa de spam ganha

importância inédita. A tela, iluminada, substitui o bilhete premiado. O anúncio do resultado é aguardado como quem espera um sinal.

Mesmo assim, antigos amuletos resistem. Há quem toque um pé de coelho antes de clicar em “participar”. Quem guarde um trevo de quatro folhas na carteira, mesmo que a inscrição seja online. Quem faça figa discretamente diante do computador, como se o gesto ancestral pudesse atravessar a fibra óptica. A tecnologia avançou, mas a fé na sorte continua surpreendentemente humana.

O preço da vida subiu. Contas, serviços, aparelhos. Um celular custa mais do que muitos salários podem pagar. A internet, essencial, pesa no orçamento. Um notebook, hoje, não é luxo: é ferramenta de trabalho, estudo, sobrevivência. Talvez por isso os sorteios tenham se multiplicado. Eles vendem mais do que prêmios; vendem a chance de alívio.

O concurso promete justiça pelo acaso. Todos concorrem, ao menos em teoria. A promoção oferece a sensação de igualdade momentânea: qualquer um pode ganhar. É uma esperança rápida, democrática, ainda que breve. Nem sempre se ganha, mas sempre se tenta. E tentar já é uma forma de resistir.

Imagino que o senhor entenderia esse cenário. A economia moderna transformou desejos em campanhas e expectativas em engajamento. Mas, por trás dos cliques, há pessoas reais, esperando que a sorte — essa velha conhecida — finalmente pare para conversar.

A tela se apaga, o e-mail não chega, o sorteio termina. A maioria não ganha. Ainda assim, no dia seguinte, lá estão todos de novo, participando de outra promoção, outro concurso, outro número da

sorte. Não por ingenuidade, mas por necessidade de acreditar que algo bom pode acontecer sem aviso prévio.

Escrevo-lhe para dizer que, mesmo em meio a algoritmos e regulamentos, a sorte continua sendo um símbolo poderoso. Ela carrega esperança onde faltam garantias. E enquanto houver um celular na mão, uma tela acesa e um trevo guardado no bolso, alguém seguirá acreditando que o próximo clique pode mudar tudo.

Com expectativa, superstição e conexão,

Alguém que confere o e-mail, cruza os dedos e olha para a tela mais uma vez.

Marilene Feitosa da Silva



Maryane Hasse de Andrade Figueira



Fortaleza, 18 de dezembro de 2025

Excelentíssimo Edson Queiroz,

Escrevo-lhe esta carta para contar-lhe sobre o mundo desde que o senhor nos deixou fisicamente e, em especial, para relatar como o seu legado, materializado na UNIFOR, colidiu com a minha existência de forma transformadora. Escrevo com a sensibilidade que me cabe, ciente de que, embora o meio acadêmico exija formalidade, a poesia se esconde na simplicidade e no ordinário dos dias “comuns”. Faço-o por ter em mim a certeza de que nosso mundo foi construído por almas inconformadas que, tal como o senhor, não aceitaram a realidade como ela se apresentava e decidiram moldá-la com coragem, integridade e sabedoria.

Começo contando-lhe sobre o mundo. Desde 1982, quando choramos a sua partida, assistimos a episódios de uma barbárie que o senhor dificilmente reconheceria. Vimos o ódio e a maldade que o ser humano é capaz de perpetrar em sua ganância e na busca desenfreada por poder. Não que a ambição e o poder sejam ruins por si só — afinal, todos nós sonhamos em transformar o mundo, inclusive a própria pessoa que vos escreve, mas aprendi que é preciso ambicionar ganhar o mundo pelo bem e pelas boas obras. Nessa perspectiva, testemunhamos o impensável: o ataque às Torres Gêmeas em 2001, o coração do

poder ocidental sendo ferido por um terrorismo que mudou nossa percepção de segurança e liberdade. Depois, vimos o ressurgimento de extremismos polarizados, a ascensão da China confrontando as antigas potências e a Rússia mergulhada em uma guerra de desgaste que ecoa não só no seu território, mas em todo o mundo.

Atualmente, vivemos a era da “compressão espaço-tempo”, como cunhou David Harvey. A globalização, a promessa de um mundo sem fronteiras, nos diz que podemos chegar a qualquer lugar, mas, ironicamente, nunca estivemos tão isolados. O senhor, que valorizava a comunicação real, talvez se espantasse com a liquidez dos nossos dias: um mundo em que as telas do TikTok e a estética do “instagramável” ditam o valor de uma vida, muitas vezes ocultando corações vazios atrás de filtros de perfeição. Em 2020, atravessamos uma pandemia global que nos confinou por um ano dentro de casa e, entre perdas e lutos, redescobrimos a solidariedade como nossa única vacina, mas também notamos o abismo de afeto que nos separa em um mundo de aparências.

No Brasil, em 1988 promulgamos a “Constituição Cidadã”, o alicerce que deu voz aos desamparados e dignidade ao povo. A justiça brasileira passou a enfrentar suas feridas abertas com leis que o senhor aprovaria: a criminalização do racismo, a proteção da mulher através da Lei Maria da Penha e o combate severo ao feminicídio. A educação tornou-se uma possibilidade de ascensão social e o Exame Nacional do Ensino Médio democratizou as salas de aula, permitindo que o filho do operário e o filho do doutor partilhassem o mesmo saber, em uma luta contínua, ainda inacabada, para diminuir as desigualdades históricas de nossa terra.

O seu Ceará acompanhou essa evolução e transformou-se em um gigante. Consolidamos nossa Região Metropolitana e nos tornamos um *hub* tecnológico e logístico de escala mundial. O Porto do Pecém é hoje uma realidade pulsante que conecta o Brasil ao mundo. No sertão, em Santa Quitéria, o urânio move a economia, e em Russas, a agricultura irrigada faz brotar uvas em pleno semiárido cearense. Somos o 2º maior PIB do Nordeste, pioneiros na produção de Hidrogênio Verde e referência em educação, com destaque para UNIFOR, exportando talentos para o mundo e recebendo, em solo cearense, uma sede do ITA.

Entretanto, apesar de todos esses avanços, ainda há muito a mudar, ainda precisamos lutar! Em especial, destaco o papel do Direito, meu curso, que ainda é uma ciência em disputa, pois lutamos diariamente contra as feridas abertas do racismo estrutural e do feminicídio. Hoje, temos leis fortes como a Lei Maria da Penha e a tipificação do racismo como crime inafiançável, mas a academia e os tribunais precisam de pessoas sensíveis para aplicar essa letra fria com humanidade. A minha geração de juristas não pode se contentar com o “sempre foi assim”. Precisamos de um Direito que proteja a mulher, que acolha a diversidade e que seja, de fato, um instrumento de combate à exclusão.

Encerro falando da sua Universidade e do quanto ela mudou a minha vida. Confesso que inicialmente eu resisti. Entrei aqui em curso que achei que não era para mim, vivendo o luto de uma trajetória que não trilhei e as sombras de uma depressão que roubava as cores do meu mundo. Mas a UNIFOR tem um brilho próprio que atravessa as névoas da alma. Foi através do seu legado que descobri

quem eu realmente sou. Ao longo das aulas, dos eventos promovidos pela universidade, da extensão universitária e da pesquisa científica, o Direito, que antes era uma obrigação, tornou-se minha voz e a UNIFOR a minha casa.

A UNIFOR me deu um propósito. A sua coragem em fundar esta instituição permitiu que eu descobrisse a minha própria força. Ela me ensinou que a justiça sem sensibilidade é apenas burocracia. Graças à sua audácia em fundá-la, eu posso ocupar meu lugar no mundo e ajudar a transformá-lo. Sou profundamente feliz por fazer parte deste legado.

Muito obrigada por ter persistido e enfrentado os obstáculos, porque hoje eu posso ambicionar ganhar o mundo pelo bem, pelo trabalho e pelas boas obras. Prometo que nós daremos continuidade ao seu legado, eternizando seu sonho em cada vida que mudarmos.

Com muita gratidão,

Maryane Hasse Figueira

Nejara Furtado Lopes



Caro Sr. Edson,

Finalizar essa trilha e não sair profundamente mexida com sua história é impossível. Subi a Serra da Aratanha, como boa trilheira que sou, em busca de ar puro e um banho de cachoeira, mas, no meio do caminho, encontrei rastros daquela noite, marcas de onde o Boeing 727 passou, pedaços de fuselagem, histórias encerradas. Um pouco mórbido? Talvez.

Fiquei imaginando se, naqueles minutos em que se perdia altitude, o senhor poderia imaginar o legado que o seu nome deixaria. Depois daquela noite de angústia, medo e muita dor, a Dona Yolanda se transformou em uma muralha, mulher forte que ensinou aos meninos que o que eles tinham em mãos não era apenas uma herança, mas um propósito empresarial e social.

Falando nos meninos, seus netos, talvez para o senhor eles sempre sejam as crianças correndo pela casa, mas, nesse tempo, eles cresceram diante de grandes desafios. As empresas precisaram ser modernizadas, atravessamos crises geopolíticas e enfrentamos uma pandemia. Da noite para o dia, precisamos ficar em casa e os processos tiveram que se reinventar.

O senhor de lembra da Unifor? Hoje ela é referência em ensino; muitos profissionais renomados estão saindo de suas salas de aula. Se o senhor soubesse o futuro que eles estão construindo, com certeza

estaria sorrindo de orgulho. Queria poder trazer o senhor ao campus, mostrar a área verde, comer pipoca amanteigada e apresentar-lhe aos animais, eles são uma graça! As Emas são as minhas favoritas, mas é um segredo só nosso, que os macaquinhos não escutem.

O parque tecnológico expandiu; além do ensino, somos referência em comunicação, estamos sempre à frente, buscando notícias e deixando o cearense bem informado. Olha, se o senhor soubesse o tanto de coisa que aconteceu...

O Brasil mudou muito nesses anos. Tivemos a nossa tão sonhada redemocratização e, em 1988, nossa Constituição Federal foi promulgada. Os presidentes deram um pouco de trabalho, tivemos impeachment, elegemos a primeira mulher presidente, o país se polarizou. O brasileiro precisou se reinventar diante de tantos acontecimentos, mas, no fim, sempre damos um jeito, afinal não desistimos nunca.

Ah, como eu iria esquecer, a União Soviética deixou de existir, o Muro de Berlim caiu, os Estados Unidos sofreram um ataque terrorista e elegeram o primeiro presidente negro da história. Hoje, ainda estamos passando por algumas guerras, conflitos antigos... Fico me perguntando: será que ainda vamos aprender, de fato, o significado da paz?

No futebol, o Brasil virou penta, sediamos uma Copa do Mundo, tivemos alguns jogos no nosso amado Castelão, que foi todo reformado e modernizado, é emocionante sentir a torcida vibrando. Hoje somos medalhistas olímpicos em várias modalidades, algumas que não eram nem famosas na sua época, como marcha atlética e skate. Nossos atletas são sensacionais!

E não foi só o Castelhão que se modernizou, nossa cidade maravilhosa cresceu, tivemos uma expansão urbana acelerada e um processo de verticalização imobiliária, novos sonhos surgiram e novas rotas foram traçadas. Agora ganhamos programas de mobilidade, temos corredores de ônibus, ciclofaixa e até mesmo um VLT. Quem poderia imaginar que estaríamos indo trabalhar de patinete compartilhado?

Agora temos aeroporto internacional e viramos polo de inovação e economia criativa. Nossa economia deu um salto, no Pecém foi construído o complexo Industrial e Portuário, além da Siderúrgica. Tivemos a expansão da energia eólica e solar, e os avanços em hidrogênio verde. Seu nome continua abrindo portas. Lembra quando a população tinha medo do gás de cozinha? Agora ele é parte indispensável na vida doméstica.

Claro que todas essas novidades impactaram diretamente nas empresas, cada decisão era pensada e analisada com cuidado e disciplina, mas sempre tinha a reflexão “O que será que Seu Edson iria fazer?”. Você sempre foi um ponto norteador em todos esses anos.

Um empreendedor visionário, que antes dos 20 anos já estava assumindo papéis administrativos na empresa da família, tendo Seu Genésio como sócio na Loteria Estadual de Fortaleza e depois na de Pernambuco. Você se tornou referência no fortalecimento da indústria local e nacional, transformando paradigmas econômicos e sociais.

Tenho certeza de que o senhor teria muito orgulho do que o Grupo Edson Queiroz é hoje, no que Dona Yolanda e os meninos construíram, a expansão e o fortalecimento do seu legado. Você sempre esteve presente no dia a dia das empresas e da família, não apenas em placas em sua homenagem, ou em sessões solenes, mas

como um guia iluminando essa caminhada, porque falar de você não é apenas falar sobre empreendedorismo, mas falar do povo cearense: o que constrói, o que sonha e o que permanece.

Com carinho de quem atravessa o tempo,

Neyara Lopes



A ponte invisível

Caro Chanceler Edson Queiroz,

Escrevo-lhe porque tudo o que hoje vejo carrega, de algum modo, a sua assinatura invisível.

Quando o seu avião caiu, em 1982, o mundo ainda aprendia a respirar fora da sombra da ditadura. O Brasil ensaiava a democracia com medo, as notícias chegavam devagar, o saber ainda era privilégio, e a energia — essa coisa básica e silenciosa — separava quem podia de quem apenas sobrevivia. O senhor partiu num voo interrompido, quando quase tudo ainda era promessa.

Quarenta e três anos depois, escrevo-lhe de um país que fala demais, se conecta demais, sabe demais — e, paradoxalmente, ainda erra o essencial. Quero lhe contar uma cena simples.

Uma jovem atravessa o campus da Universidade de Fortaleza que o senhor fundou em 1973. Ela vem do interior, primeira da família a pisar numa universidade. Carrega um celular barato, onde assiste a aulas gravadas, lê o mundo inteiro, sonha futuros que antes pareciam impossíveis. À noite, volta para casa e encontra a mãe cozinhando sem fumaça, sem fuligem nos pulmões, sem lenha nos olhos — o gás chega regular, como o senhor sonhou ao criar a Nacional Gás. A televisão ligada informa, confunde, alerta.

Nada disso lhe parece extraordinário. Mas tudo isso só existe porque alguém, décadas atrás, decidiu investir onde ninguém via retorno imediato.

O senhor não conheceu essa jovem.

Mas ela existe porque o senhor existiu.

Às vezes penso que o senhor não morreu.

Apenas saiu antes para ver se o caminho era seguro.

O mundo mudou depressa demais desde a sua ausência. Hoje, uma criança pergunta ao telefone o que fazer da vida e recebe resposta antes de terminar a frase. Uma escolha de voto é sugerida por um algoritmo que conhece nossos medos melhor que nós mesmos. Durante a pandemia de 2020, escolas fecharam, cidades silenciaram, e foi a tela — fria, luminosa — que manteve pessoas ligadas, quando o toque físico se tornou perigo.

O senhor acreditava em comunicação como serviço público. Hoje, ela tanto ilumina quanto fere. A mesma rede que mobiliza solidariedade também espalha ódio. A mesma voz que educa pode manipular. Sinto, às vezes, que o senhor faria a pergunta certa neste tempo ruidoso: para quê estamos comunicando?

Na educação, seu legado permanece vivo, mas desafiado. O acesso se ampliou, o conhecimento se democratizou, e ainda assim muitos ficaram para trás — não mais por falta de escola, mas por falta de conexão, de tempo, de horizonte. Ensinar nunca foi tão urgente — e nunca pareceu tão insuficiente. A inteligência artificial responde rápido, mas não ensina ética. O senhor entenderia isso. Sempre entendeu que progresso sem humanidade é apenas velocidade.

O Nordeste que o senhor ajudou a transformar cresceu, inovou, exporta energia limpa, sonha grande. Turbinas eólicas giram onde antes só havia vento vazio. Fortaleza se verticalizou; o interior, em muitos lugares, ainda espera. O senhor acreditava em desenvolvimento com raízes.

Essa talvez seja a pergunta que sua ausência nos deixou: estamos crescendo juntos ou apenas crescendo?

Neste ano de seu centenário, seu nome volta a ecoar pelas ruas de Fortaleza — em placas, em conversas, em luzes que se acendem para lembrar o que foi construído.

Escrevo-lhe, Chanceler, não para celebrar números, datas ou feitos — esses já estão nos livros. Escrevo para dizer que, apesar de todas as mudanças, ainda buscamos o que o senhor parecia já saber: que empreender é, antes de tudo, um ato humano. Que construir empresas, fundações e universidades só faz sentido se, no fim, alguém viver melhor por causa disso.

Não sei se estamos honrando o que o senhor começou.

Às vezes, temo que estejamos apenas administrando.

E, confesso, há noites em que olho para essa cidade iluminada, para essas telas que não param de piscar, e sinto uma saudade que não explico — saudade de um tempo que nem vivi, mas que o senhor parecia carregar nos olhos: o tempo em que construir significava, antes de tudo, acreditar que o outro também chegaria lá.

Às vezes me pergunto se o senhor ficaria orgulhoso — ou profundamente preocupado — ao ver o que fizemos com as estruturas que nasceram do seu sonho.

Escrevo-lhe defendendo valores que, confesso, nem sempre consigo sustentar no meu próprio cotidiano. Talvez por isso esta carta exista. Como tentativa, não como resposta.

Se o senhor estivesse aqui hoje, talvez se espantasse com a velocidade do mundo.

Talvez se inquietasse com o excesso de ruído.

E certamente insistiria, como sempre, que visão não é apenas antecipar o futuro, mas sustentar valores quando tudo muda.

O senhor não viu este tempo.

Mas este tempo ainda caminha sobre o chão que o senhor ajudou a firmar.

Com respeito, gratidão e consciência do legado,
assino esta carta como quem atravessa uma ponte —
uma ponte que o senhor construiu sem saber quem, exatamente,
passaria por ela.

Com admiração e responsabilidade,

Raul Freire

Rita de Cascia Capibaribe



Carta a Edson Queiroz, escrita por uma jornalista que aprendeu a sonhar na Unifor

Fortaleza, outubro de 2025

Querido Edson,

Escrevo-lhe com o respeito de quem fala a um mestre que nunca conheceu em vida, mas que aprendeu a admirar pelo exemplo de determinação com que viveu e empreendeu em tantas áreas. Quem diria, hein? Que aquele menino, filho ilustre de Cascavel e tão amado por dona Cordélia e seu Genésio, despontaria ainda adolescente para os negócios e logo seria exemplo para todos nós, cearenses, e depois para todo o Brasil.

Sabe, seu Edson, até hoje, quando passo em frente à Unifor, meu coração dispara. Foi ali que me apaixonei pelo Jornalismo e iniciei minha carreira. Ali também conheci meu futuro marido e hoje pai de meus dois filhos. Ou seja, a minha história passa pela Fundação Edson Queiroz e como sou grata por isso!

Hoje, com orgulho, e um sentimento de proximidade e grande carinho, lhe escrevo - mais de quarenta anos após sua partida. Desde 1982, muita coisa mudou. O mundo se reinventou inúmeras vezes, e nós também. E como é gratificante perceber que, em muitas dessas transformações, há um traço seu, aquela centelha da sua ousadia.

O senhor partiu quando o Brasil ainda vivia sob o peso do silêncio. Mas logo depois, o país reaprendeu a falar e, desde então, tem lutado por melhorias nas mais diversas áreas. Voltamos às urnas, escrevemos uma nova Constituição, e a liberdade, que o senhor tanto valorizava, passou a ser o bem mais precioso da nação.

Nosso Ceará também floresceu. O sertão, quem diria! se encheu de turbinas, o vento virou energia e o sol virou riqueza. Nossa Fortaleza também se modernizou e, mesmo ainda tendo grandes desafios a enfrentar, é uma terra de oportunidades, sendo a quarta capital mais populosa do Brasil. O mundo, seu Edson, não tem mais fronteiras. A comunicação, que o senhor tanto acreditava, se multiplicou em mil formatos. As notícias agora viajam pela palma da mão, as vozes ecoam pelas telas, e o jornalismo se reinventa todos os dias. Nós, claro, seguimos acompanhando tudo pelo Sistema Verdes Mares, que leva informação, entretenimento e educação para mais de 5 milhões de pessoas todos os meses, alcançando, atualmente, quase 80% da população cearense. E entre bytes e algoritmos, a essência permanece a mesma: servir à comunidade e iluminar o caminho.

O grupo que leva seu nome, seu Edson, segue sólido e respeitado. E continua presente no cotidiano de todo o Brasil, aquecendo lares, levando informação, gerando emprego e formando mentes.

Aquele Ceará seco e tímido de antigamente agora fala alto, dança com o vento, exporta tecnologia e esperança. É um estado que aprendeu a se orgulhar de si, e nisso há muito da sua semente. Porque o senhor foi pioneiro: acreditou que o talento nordestino não precisava migrar: bastava ter oportunidade.

E o Brasil... ah, o Brasil que o senhor não viu! É um país que experimentou a democracia, enfrentou crises, venceu a inflação, abraçou a diversidade e aprendeu a valorizar sua própria voz. A cada década, uma reinvenção. A cada geração, novos sonhadores. Talvez o senhor se surpreendesse com a velocidade do nosso tempo, com a surpreendente inteligência artificial, com o jornal impresso que virou tela. Mas sei que continuaria apaixonado pela invenção humana, pela coragem de criar. A chama azul que o senhor espalhou pelo país segue acesa — nos lares, nos olhos, nas ideias. E ela aquece mais do que panelas: é uma verdadeira fonte de inspiração.

Seu Edson, o senhor não viu o advento da internet, nem o primeiro homem brasileiro no espaço. Não viu o Ceará se tornar polo de energia limpa, nem o Brasil conquistar estabilidade e depois enfrentar novos desafios. Mas, de algum modo, o senhor antecipou tudo isso. Porque quem acredita no progresso humano, de forma ética, inclusiva e generosa, sempre fala com o amanhã.

Por tudo isso, esta carta é, antes de tudo, um agradecimento. Obrigada por ter sonhado grande. Por ter visto futuro onde muitos só viam carência. Por ter apostado no Nordeste, não como promessa distante, mas como uma potência viva, vivíssima! Obrigada por ter transformado energia em cidadania, indústria em dignidade e pelo empreendedorismo ao criar uma empresa de GLP (quando você tinha apenas 26 anos!) que se transformou nesse grande legado que impacta milhares de vidas. E obrigada, pessoalmente falando, por ter criado a Unifor. O lugar que me deu uma família. E que segue me encantando com suas fontes, saberes e possibilidades.

O Ceará não é mais o mesmo, seu Edson. O Brasil não é mais o mesmo. Mas o mundo, mesmo tão vasto, tão acelerado, nunca deixará de reconhecer a força de quem acredita no trabalho com propósito e na educação com afeto. Fico pensando: quanto orgulho sua família tem do senhor! Sua amada esposa Yolanda, os filhos Airton, Myra, Edson Filho, Renata, Lenise e Paula e todos os demais descendentes. E não poderia ser diferente.

Seu Edson, o senhor construiu muito mais que um grupo empresarial: abriu caminho para que milhares de nós pudéssemos sonhar, estudar, escrever e mudar a própria vida. Sou uma dessas pessoas. E é com a alegria de ex-aluna, e a gratidão de quem aprendeu a ver poesia no progresso, que encerro esta carta com o coração leve: o seu sonho continua vivo, seu Edson. E o melhor: só cresce a cada dia!

Com grande admiração,

Rita de Cascia Capibaribe

Sebastian Mircea Timbuli Junior



Fortaleza, 18 de dezembro de 2025

Senhor Chanceler,

Apesar de o senhor não ter testemunhado a certidão de nascimento da democracia brasileira em 1988, seis anos após a última das suas viagens a trabalho, as sementes pelo senhor aqui plantadas foram regadas pelo seu espírito visionário a tal ponto que hoje eu lhe digo que a redemocratização o sr. pode até não ter tido o privilégio de testemunhar a tempo, mas os alunos da sua casa se tornam mestrandos e doutorandos naquilo que não deu tempo de o senhor conhecer: a própria constituição, porque têm na Universidade de Fortaleza um panteão nascedouro de constitucionalistas, condutores da Ordem e Progresso como alavancas intelectuais do Nordeste ao Brasil afora e ao mundo.

Pelo ramo de importação de gás, de fabricação de eletrodomésticos e de distribuição de água mineral no Ceará, sua mente empreendedora toca até hoje a cozinha de quase todo cearense. Depois que o destino desviou a sua rota de retorno à Fortaleza, sua família assumiu a chancelaria de todos os caminhos empresariais pavimentados pelo senhor e, em razão disso, com responsabilidades a serem honradas, em prol da família cearense, em prol da sociedade.

Hoje a cidade de Fortaleza se destaca como a mais influente metrópole regional do norte e nordeste brasileiros, já que teve maestros do seu destino de pólis latino-americana a um futuro moderno e referencial na educação brasileira, em face de homens como este a quem remeto a carta de um plano ao outro da vida.

Hoje a sua frase proferida no nascimento da Universidade de Fortaleza: “educação é gênero de primeira necessidade e investimento prioritário”, ecoa no fortalecimento das perspectivas de desenvolvimento regional na integração academia-empresa pela sua fundação, ao ter formado e especializado gerações inteiras de profissionais mantenedores dos desígnios de Fortaleza, tendo em brasileiros como o senhor um arquiteto atemporal de talentos, de vocações, sobretudo de profissionais competentes. O sr. deve se lembrar disto: no passado, foi produtor executivo do Filme “O Homem de Papel”, ao passo que, no presente, o seu legado é de produtor definitivo de homens e de mulheres de aço que exercem a cidadania e as suas profissões como novos andares do edifício acadêmico-científico alicerçado por homens visionários como o senhor.

Recentemente, o Brasil, como presidente dos BRICS, e como capitão das caravanas comerciais da América Latina mais diversificadas do mundo, não se ajoelhou diante das tentativas de cerceamento econômico vindas do Norte. No ramo da tecnologia, assim como o sr. lançou 5 embarcações ao mar em nome da Edson Queiroz Navegações, a Marinha do Brasil lançou o 4º submarino da Classe Riachuelo, batizado Almirante Karam, o mais novo vigilante da Amazônia Azul em novembro deste ano. E, do dia 16 a 22 de dezembro, o Brasil estreia no mercado aeroespacial com o lançamento do primeiro

foguete comercial. Quem diria que o país fosse tão longe quanto os seus sonhos por um Brasil fortalecido pelas ciências? O País brotou como um verdadeiro florão da América, senhor chanceler, porque teve a educação ao lado do próprio destino, tal qual o senhor sonhava para ele. O Brasil, como avô, e o Ceará como pai da cidade de Fortaleza, possibilitaram que ela, em 2021, sediasse a instalação do cabo EllaLink, Brasil-Europa, tornando a capital cearense o ponto com maior entroncamento mundial de cabos de conexão intercontinental. Quanto ao Jornal Diário do Nordeste e à TV Verdes Mares, eles têm noticiado o povo cearense com ética e propósito de informar bem, para coadjuvar o povo no acesso à informação sem medo da luz das verdades imparciais em matérias jornalísticas, transmitidas de Fortaleza a Cascavel, sua terra natal, com repórteres irmãos cearenses e editores guardiões da transparência e da autenticidade nordestinas.

Hoje a capital da Terra da Luz lota a sua hotelaria mais rápido do que a própria Cidade Maravilhosa, imagine quantos profissionais graduados em Turismo na Unifor fizeram parte disso? Hoje a educação cearense possui um dos melhores indicadores do país, imagine quantos pedagogos formados na sua casa fizeram parte disso? Como a minha mãe, Pedagoga formada nesta instituição, que, assim como tantos outros educadores nos ensinos público e privado, forja gerações de almas cidadãs qualificadas para lidar com os sonhos à altura da vontade de vencer, pois direta ou indiretamente a educação provida pelo seu empreendedorismo alcançou, desde uma sala de aula de Pedagogia do campus da Unifor até inúmeras salas de aula no estado, com professores preparados para formar brasileiros com o ímpeto de trazer mudança ao país. Hoje o Ceará é uma referência da saúde

pública ao demonstrar um desempenho superior à média de todo o Nordeste dentro dos desafios do SUS, imagine só quantos médicos e enfermeiros formados na sua casa fizeram parte disso? Hoje Fortaleza reedifica a sua paisagem urbana mais verticalizada que nunca, imagine quantos arquitetos e engenheiros formados na Unifor fizeram parte disso, como novos escultores do concreto e do verde fortalezenses?

Por fim, digo-lhe que o senhor pode até ter partido ao outro plano da vida porque asas de metal não foram suficientes para uma aterrissagem segura acima de qualquer fator humano, mas a sua fundação fez gerações inteiras voarem sem medo de contornar as serras mais desafiadoras à aviação dos sonhadores, cuja realização se deu em mais de 120 mil cidadãos formados na pista de pouso dos sonhos chamada Universidade de Fortaleza. Em frente a esta, a sua estátua erguida permite aos que não puderam lhe conhecer, pelo menos, entender que a sua medida de grandeza em cimento, ferro e bronze, está para o ensino cearense assim como a imensidão de formandos está para a imortalidade do seu legado de ouro, porque homens visionários se eternizam na visão que imprimem à realidade dos seus concidadãos, ainda que na ausência física, pois a presença dos seus valores é intransponível ao tempo.

Cordialmente,

Sebastian Timbuli Júnior

Sebastiana Sena de Carvalho



Prezado Dr. Edson Queiroz,

Venho, por meio desta, fazer-lhe, simbolicamente, um convite especial: no dia **18 de julho**, espero o senhor para um delicioso almoço, em comemoração à minha **formatura**.

Espero que goste de **galinha caipira** — temos muitas no quintal.

Mais do que convidá-lo, escrevo para **agradecer**. A sua universidade me acolheu como se eu fosse parte de um mundo que, durante muito tempo, pareceu não ter sido feito para pessoas como eu.

Não sei se o senhor sabe, mas por muitos anos a Unifor carregou o título informal de “universidade de ricos”. Eu mesma tinha receio até de passar em frente aos seus muros. No início dos anos 2000, quando concluí meus estudos básicos, a universidade particular era sinônimo de um lugar reservado a quem tinha muito dinheiro. Não lhe conto novidade — imagino que o senhor sempre soube disso.

O que talvez o senhor não saiba é que, hoje, **aos 40 anos**, filha de **um agricultor**, homem simples, **deficiente visual**, que lutou contra tudo e contra todos para criar seus três filhos, eu estou, enfim, **concluindo uma graduação na sua universidade**.

Isso só foi possível porque o tempo, apesar de cruel, também trouxe mudanças. A criação do **Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)**, no final dos anos 1990, abriu uma nova porta para quem não teve trajetórias escolares perfeitas. Mais adiante, políticas como

o **Programa Universidade para Todos (ProUni)**, instituído em 2004, o **Sisu** e os sistemas de bolsas ampliaram o acesso ao ensino superior, permitindo que o mérito, a persistência e a história de vida também fossem considerados.

Mas nada disso teria sido suficiente se universidades privadas não tivessem assumido sua **responsabilidade social**. A Unifor, ao longo dos anos, manteve e ampliou **bolsas filantrópicas**, programas de inclusão e políticas de acolhimento que transformaram um espaço antes inacessível em um lugar possível para pessoas como eu.

O tempo — e o passado — são cruéis com aqueles que não nascem em berço de ouro. Para nós, o caminho é quase sempre mais longo, mais íngreme e mais solitário. Ainda assim, a sua perseverança em formar cidadãos colaborou para que, quando os governos tornaram a educação mais acessível, a **Unifor abrisse as portas para pessoas como eu**.

Pessoas que trabalharam cedo, que precisaram escolher o sustento antes do sonho, que aprenderam na prática que estudar, muitas vezes, era um luxo distante. Talvez, nesse ponto, nossas histórias se encontrem: quando empreender, trabalhar no comércio da família e insistir eram os únicos caminhos possíveis.

Eu também trabalhei duro. Quando as oportunidades de estudar estavam fora da minha realidade, segui trabalhando, resistindo, adiando — mas nunca abandonando — o desejo de aprender. E foi graças a uma universidade que acreditou que educação é investimento, e não privilégio, que hoje posso escrever esta carta não como espectadora, mas como **formanda**.

Preciso, antes de tudo, sentar-me à mesa com o senhor e contar-lhe como ingressei. A Instituição CEBAS, mantida pela Unifor, com suas centenas de bolsas de estudo, possibilitou o meu ingresso, e mais a minha permanência. É bem verdade que fiz minha parte, tirei notas boas, conquistei professores. Mas o que seria de mim sem essa instituição?

Naquela época, eu já estava inscrita em outra instituição, mas sem recursos, pensava diariamente em trancar. Foi quando, numa busca pela internet - ferramenta importantíssima nos dias atuais - que encontrei o edital da instituição, disponibilizando as bolsas de estudo. Logo me inscrevi. A Bolsa institucional foi a luz no fim do túnel. Foi a oportunidade de realizar sonhos e de transformar a realidade daqueles que amo, como um dia o senhor fez, brilhantemente.

A Unifor não me deu apenas um diploma. Deu-me **pertencimento**, dignidade e a certeza de que o conhecimento pode, sim, atravessar muros sociais quando encontra instituições comprometidas com o futuro.

Por isso, Dr. Edson, este almoço é simples — como minha história —, mas carregado de gratidão. Se hoje celebro uma conquista que parecia improvável, é porque alguém, lá atrás, acreditou que educação é gênero de primeira necessidade. Espero o Senhor e os seus na minha humilde residência, para papear e oferecer o temos de melhor e mais preciso, a nossa atenção.

Com respeito, admiração e gratidão,

Sebastiana Carvalho

Prêmio de Literatura Unifor
Cartas a Edson Queiroz

